



COLEÇÃO PROINFANTIL

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Básica  
Secretaria de Educação a Distância  
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



**COLEÇÃO PROINFANTIL**

**MÓDULO III**

**UNIDADE 1**

**LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2**

Karina Rizek Lopes (Org.)  
Roseana Pereira Mendes (Org.)  
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2006

#### Diretora de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

#### Diretora de Produção e Capacitação de Programas em EAD

Carmen Moreira de Castro Neves

#### Coordenadoras Nacionais do PROINFANTIL

Karina Rizek Lopes

Luciane Sá de Andrade

#### Equipe Nacional de Colaboradores do PROINFANTIL

Adonias de Melo Jr., Amaliar Attalah, Ana Paula Bulhões, André Martins, Anna Carolina Rocha, Anne Silva, Aristeu de Oliveira Jr., Áurea Bartoli, Ideli Ricchiero, Jane Pinheiro, Jarbas Mendonça, José Pereira Santana Junior, Josué de Araújo, Joyce Almeida, Juliana Andrade, Karina Menezes, Liliane Santos, Lucas Passarela, Luciana Fonseca, Magda Patrícia Müller Lopes, Marta Clemente, Neidimar Cardoso Neves, Raimundo Aires, Roseana Pereira Mendes, Rosilene Silva, Stela Maris Lagos Oliveira, Suzi Vargas, Vanya Barbosa, Vitória Líbia Barreto de Faria, Viviane Fernandes

#### Coordenação Pedagógica

Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria

#### Assessoria Pedagógica

Sônia Kramer, Anelise Monteiro do Nascimento, Claudia de Oliveira Fernandes, Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello, Lêda Maria da Fonseca, Luiz Cavalieri Bazilio, Regina Maria Cabral Carvalho, Sílvia Néli Falcão Barbosa

#### Consultoria do PROINFANTIL – Módulo III

Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino, Maria Cristina Leandro Paiva

#### Autoria

Ana Maria Araújo Mello, Beatriz Mangione Sampaio Ferraz, Carmen Torres, Cláudia da Silva Farache, Denise Maria de Carvalho Lopes, Fátima Regina Teixeira de Salles Dias, Gilka Silva Pimentel, Ligia Maria Motta Lima Leão de Aquino, Mara Vasconcelos, Maria Carmen Silveira Barbosa, Maria Cristina Leandro Paiva, Maria da Graça Souza Horn, Maria Estela Costa Holanda Campelo, Renata Bravo Barbosa, Stefânia Padilha Costa, Vital Didonet, Vitória Líbia Barreto de Faria

#### Projeto Gráfico, Editoração e Revisão

Editores Perffil

#### Coordenação Técnica da Editora Perffil

Carmen de Paula Cardinali, Leticia de Paula Cardinali

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

Livro de estudo: Módulo III / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.  
94p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 1)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

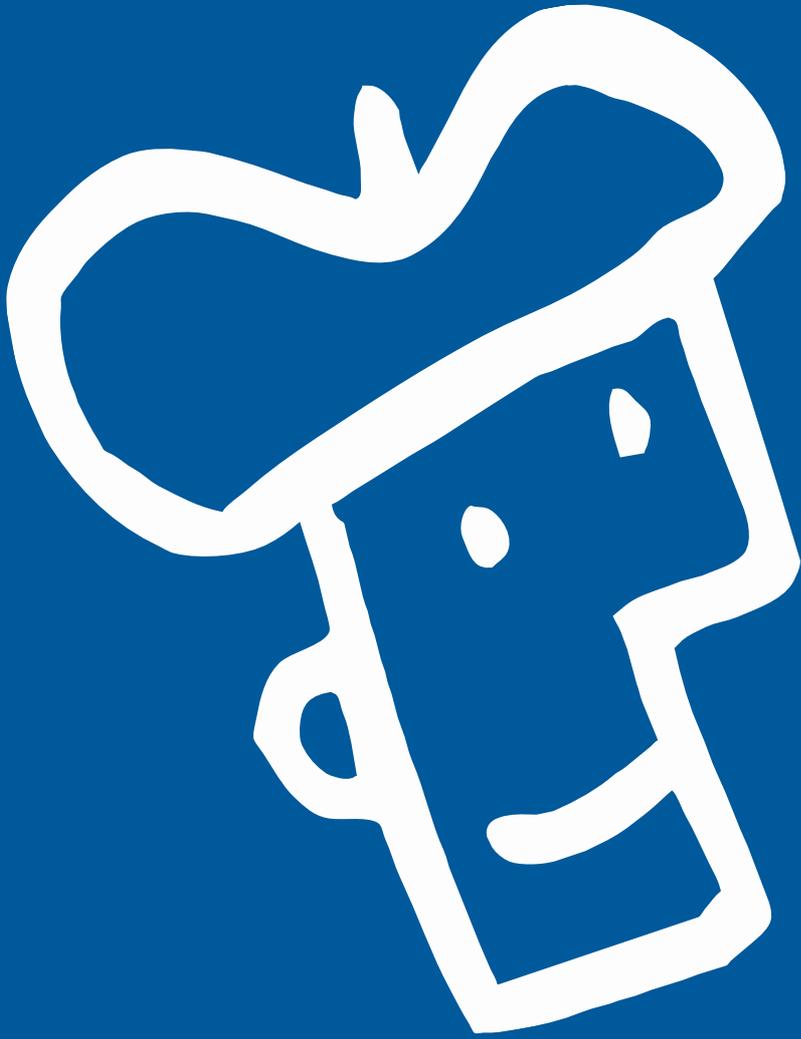
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO III

UNIDADE 1

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



# SUMÁRIO

## A - APRESENTAÇÃO DO MÓDULO III 8

## B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 16

### FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

EDUCAR E CUIDAR ..... 17

Seção 1 – Principais elementos sócio-históricos da conceituação contemporânea de Educação Infantil ..... 19

Seção 2 – “Cuidar” e “Educar” são funções complementares e indissociáveis na Educação Infantil ..... 29

Seção 3 – O cuidar-educar como prática social e profissional: dimensões éticas e políticas ..... 33

Seção 4 – Identidade da instituição de Educação Infantil no contexto da Educação Básica ..... 40

### ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

RELAÇÕES INTERPESSOAIS: EDUCAÇÃO PARA A PAZ E A SOLIDARIEDADE ..... 53

Seção 1 – Direitos humanos e educação ..... 59

Seção 2 – Aprender a conviver ..... 75

Seção 3 – Situações do cotidiano da educação para a paz: superando conflitos e discriminações ..... 79

## C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 90

# A - APRESENTAÇÃO



# DO MÓDULO III

*Tudo no mundo começou com um sim*

Clarice Lispector<sup>1</sup>

Prezado(a) professor(a),

Estamos iniciando uma nova etapa do Programa de Formação de Professores de Educação Infantil, PROINFANTIL: o Módulo III – Crianças, adultos e a gestão da Educação Infantil. Com este módulo, damos continuidade ao nosso estudo e à formação de professores(as) que já trabalham com crianças de 0 a 6 anos em creches, pré-escolas e em turmas de Educação Infantil que funcionam em escolas de Ensino Fundamental em todo o Brasil.

O livro que você tem nas mãos reúne oito unidades do terceiro dos quatro módulos que tratam de Educação Infantil. Lembramos que os módulos são os seguintes:

- Módulo I – Educação, Sociedade e Cidadania.
- Módulo II – Infância e Cultura: linguagem e desenvolvimento humano.
- Módulo III – Crianças, adultos e a gestão da Educação Infantil.
- Módulo IV – Contextos de aprendizagem e trabalho docente.

Inicialmente, como fizemos nos livros anteriores, apresentamos os temas e unidades que o módulo contém. Em seguida, vamos compartilhar com você algumas idéias que temos sobre o Módulo III, dando um destaque para algumas ações ou cuidados que são importantes na gestão da Educação Infantil, que é o fio condutor de todo o módulo. Ao final, procuramos articular as idéias deste Módulo III com os temas e as questões já estudados nos módulos anteriores.

Ao longo deste módulo, você poderá aprofundar temas relacionados às práticas institucionais realizadas na creche, pré-escola ou escola onde você trabalha. Como epígrafe desse texto, a idéia sugerida lá no alto da página é “Tudo no mundo começou com um sim”. Este é um pensamento da poeta brasileira Clarice Lispector que pode ter muitas interpretações, pois são diversas as formas de compreensão de toda fala poética. Para nós, “Tudo no mundo começou com um sim” significa que

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1977. p. 15.

na história de cada um(a) de nós, um certo dia, por escolha, acaso ou circunstância, dissemos sim à Educação Infantil e aqui estamos. Atuamos na educação das crianças, na formação de crianças. A proposição que fazemos ao iniciar este módulo é: vamos tentar pensar, ao longo do estudo das unidades, nos significados e nas implicações que têm esse sim na nossa história pessoal e profissional? E como o sim interfere na história da creche, pré-escola ou escola em que trabalhamos?

## 1. O MÓDULO III

O Módulo III – Crianças, adultos e a gestão da Educação Infantil – contém oito unidades. Cada uma delas reúne dois textos: um de **Fundamentos da Educação (FE)** e um de **Organização do Trabalho Pedagógico (OTP)**. São elas:

- Unidade 1  
FE – Educar e Cuidar  
OTP – Relações interpessoais: educação para a paz e a solidariedade
- Unidade 2  
FE – A instituição de Educação Infantil e o contexto sociocultural: função social, diversidade, relação com a família e a comunidade  
OTP – Como conhecer e trabalhar com as famílias e a comunidade (incluindo instituições locais e serviços básicos)
- Unidade 3  
FE – Concepções e práticas de Educação Infantil  
OTP – Retrato de um cotidiano
- Unidade 4  
FE – Proposta pedagógica: concepção, elaboração, implementação e avaliação  
OTP – A expressão da proposta pedagógica no cotidiano
- Unidade 5  
FE – A gestão democrática na instituição de Educação Infantil  
OTP – Desenvolvimento de projeto institucional
- Unidade 6  
FE – Saúde coletiva: ambiente saudável  
OTP – Cuidados essenciais: sono, higiene e alimentação
- Unidade 7  
FE – Mediadores da aprendizagem (I): ambientes, espaços e materiais  
OTP – Organização dos ambientes, espaços e materiais

## - Unidade 8

FE – Organização dos ambientes: tempos e agrupamentos

OTP – Mediadores da aprendizagem (II): tempos e agrupamentos

Como você pode perceber, são temas relacionados a questões bastante específicas da vida da creche, pré-escola ou escola e com questões amplas que afetam a sociedade contemporânea. De certa forma, o módulo trata de como organizar e direcionar o trabalho nas instituições infantis de modo a enfrentar as questões gerais do mundo atual. E tenta fazer isso, trazendo indicações claras e operacionais de como estruturar a proposta pedagógica, de como definir coletivamente prioridades, rotinas, modos de fazer.

Lembramos, ainda mais uma vez, que as unidades foram escritas por autores diferentes, o que justifica posições ou modos diferentes de entender e ver os temas. E justifica também o fato de que há temas ou idéias abordados em mais de um texto. Como os assuntos estão interligados e os textos são como aulas que apresentam conteúdos, os autores desenvolvem argumentos ou sugerem reflexões para favorecer a compreensão de um assunto, que precisa ser lembrado, trazido, sistematizado. O mais importante é que aquilo que aprendemos e discutimos com os(as) colegas vá também afetando as nossas práticas e os modos de organizar o tempo e o espaço nas instituições.

Após cada unidade, continuamos sugerindo neste módulo uma proposta de Atividade Integradora para ser realizada no encontro quinzenal com o tutor.

## 2. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A GESTÃO

Se perguntarmos a uma criança pequena o que ela acha que quer dizer a palavra “gestão”, provavelmente ela nos dirá que gestão quer dizer “gesto grande”. E, provavelmente, os adultos que escutarem isso vão rir dela.

Mas se pensamos bem, vemos que a gestão tem a ver exatamente com isso: com os gestos grandes que somos capazes de fazer. Na creche, na pré-escola ou na escola, o cotidiano é cheio de miudezas, sutilezas, muitas tarefas em que os problemas são tão variados que seria impossível listá-los aqui. Somos afetados por problemas graves, como: a violência social que ocorreu ontem à noite, o falecimento da mãe de uma criança, o pagamento do nosso salário que atrasou, uma professora ou uma criança que está doente e no hospital não há recursos para tratar dela. Mas também somos afetados por problemas práticos que muitas vezes tornam nosso trabalho quase inviável: a cozinheira faltou, não tem água hoje, a descarga do banheiro enguiçou. Todas as situações exigem cuidados e mobilizam afetos diferentes. O grande desafio é que devemos continuar a tomar providências em relação aos pequenos problemas, mas não podemos descuidar do clima geral, do sentimento geral de confiança e da responsabilidade da nossa posição de liderança na instituição, seja na supervisão, na direção ou na coordenação, seja na atuação direta com as crianças.

Entender a palavra “gestão” como “gesto grande” significa compreender que há problemas que são muito sérios e exigem nossa resposta rápida e há problemas menores, que são desagradáveis e necessitam ser enfrentados, mas que, para resolvê-los, devemos evitar desgastes, brigas, falta de paciência ou intolerância. Nossas atitudes como gestores(as) e como professores(as) se refletem nas atitudes das crianças, das famílias e nas atitudes de nossos colegas. Como reagimos às dificuldades encontradas: de forma pesada ou leve? Apesar de todos os imprevistos, será que conseguimos (será que é possível?) manter o bom humor e o carinho no trato com as crianças e com os adultos? Temos sabido ser rápidos quando a situação o exige e ao mesmo tempo calmos e tranquilos para tomar decisões importantes e que vão influenciar pessoas e instituições? Aprendemos a diferenciar problemas grandes de pequenos? No dia-a-dia, agimos com transparência, evitando confusões ou “disse-me-disse”? E na entrada e saída, nas reuniões, no portão e nos corredores, temos tentado escutar as famílias, as crianças e nossos(as) colegas? Além dos discursos, aceitamos a pluralidade que passamos a conhecer na creche, na pré-escola e na escola? Valorizamos a opinião dos outros sem nos omitir de ter também um ponto de vista? Favorecemos a implicância, a desconfiança e o ódio ou tentamos agir para criar um clima de respeito mútuo? Claro que os conflitos existem, as divergências são parte do cotidiano. A questão é se atuamos para gerar um clima de respeito às divergências e ao pluralismo ou se acabamos contribuindo para aumentar a desavença, a animosidade. Sentimos raiva, somos humanos, mas muitas das impressões que temos, dos receios que sentimos, mudam quando podemos conversar, fazer críticas de modo respeitoso, dizer o que nos desagrada e o que gostaríamos de mudar.

O Módulo III trata de temas e questões do coletivo. Questões que são delicadas especialmente porque, no cotidiano das instituições em que trabalhamos, as condições com frequência são precárias. Considerando todos esses aspectos, recomendamos que você, ao fazer a leitura das unidades, possa – ao mesmo tempo – observar a si mesmo e observar seu grupo de trabalho e de formação, pensando na diversidade que marca todos os grupos humanos, mas pensando também em quanto temos em comum. Ouvir as histórias uns dos outros ou simplesmente conversar pode ser uma boa estratégia para, lembrando do que cada um viveu, compreender nós mesmos e os outros. Nesse processo, é possível tecer sentimentos que podem ajudar a enfrentar desavenças, com espírito de colaboração e de reciprocidade, entendendo a dor que o outro sente, vibrando com a sua alegria ou comemorando as conquistas do grupo. A reflexão coletiva, a rememoração e a reconciliação são componentes necessários nesse trabalho, que, por ser humano, envolve tantos matizes do saber e do sentir.

### 3. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O MÓDULO III E OS DEMAIS

Há um problema comum quando começamos a trabalhar na proposta pedagógica da creche, pré-escola ou da escola: parece que as pessoas se esquecem ou deixam de lado tudo o que foi dito sobre as crianças, seu crescimento, seu processo de criação, a brincadeira, a cultura, as ambigüidades da prática docente! Esse é um importante cuidado a tomar: vimos que atuar na gestão ou colaborar com a gestão exige de nós gestos grandes. Da mesma forma, fazer um projeto não é cumprir uma tarefa apenas técnica: ela envolve uma dimensão que é política e uma dimensão cultural. Na gestão e na elaboração coletiva da proposta pedagógica, é muito importante considerar o que discutimos e estudamos sobre as crianças e seu desenvolvimento: a criança e a cultura, a história e as políticas de Educação Infantil. Na construção da proposta pedagógica, o maior desafio é justamente relacionar as questões amplas com as questões do cotidiano e das práticas com as crianças.

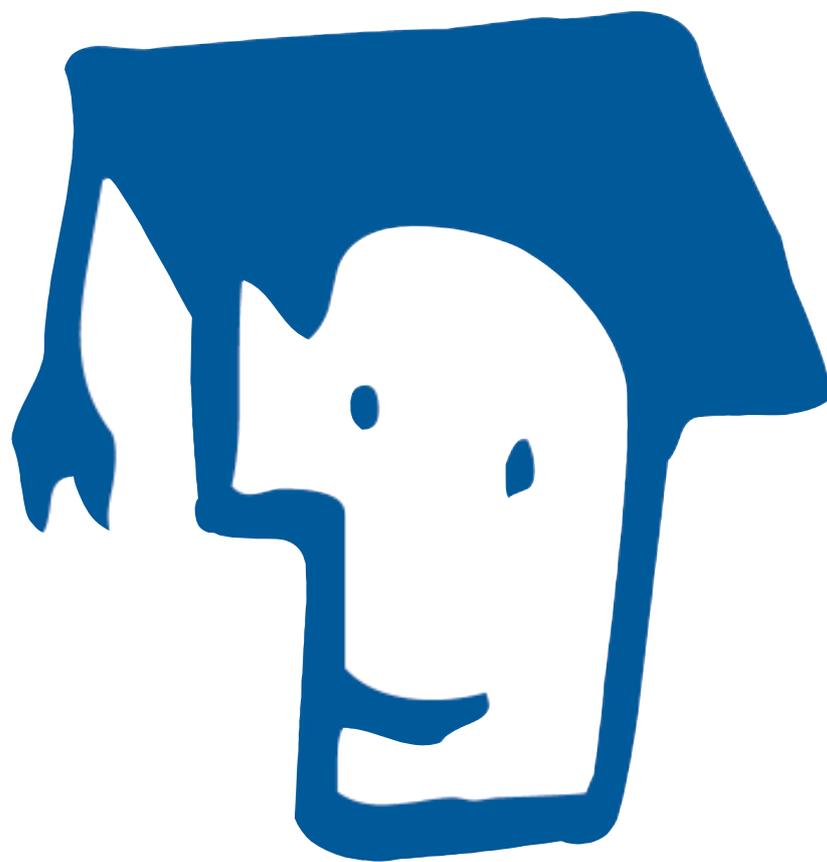
As crianças têm história, os adultos (professores, merendeiros, auxiliares, pais, avós etc.) têm história também, os grupos e pessoas da comunidade têm história: todos nós gostamos de sentar e ouvir essas histórias, engraçadas ou tristes, gostamos de saber que somos parte delas. Assim também ocorre quando trabalhamos com as crianças: as diferentes histórias se encontram e podemos construir uma trajetória comum. As crianças e os adultos têm origens sociais, étnicas, culturais e geográficas diversas. Nesse cotidiano, conhecer as experiências de cada um é fundamental. Para construir a proposta pedagógica, organizar as rotinas, para cuidar e educar, é preciso conhecer as crianças com as quais trabalhamos e as suas famílias: as crianças brincam de quê? Do que falam? Qual é a visão de infância das suas famílias? O que esperam da Educação Infantil? O que fazem as crianças no seu cotidiano? Que músicas escutam, quais são os valores éticos e religiosos das famílias? As famílias conhecem as crianças? Precisamos conhecer também as experiências dos adultos e suas maneiras de ver e pensar. Esse conhecimento e o sentimento de solidariedade que podemos ter em relação aos(as) nossos(as) colegas, e que queremos que nossos(as) colegas tenham também em relação a nós, é necessário para enfrentar (e quem sabe superar!) determinadas visões preconceituosas sobre a criança e sobre os adultos e para atuar no cotidiano numa direção que combata o preconceito.

Nós respeitamos as crianças e suas famílias? Respeitamos uns aos outros? Valorizamos os diferentes tipos de família que freqüentam a creche, a pré-escola ou a escola ou, ao contrário, temos um padrão do que julgamos ser uma “boa família”? Ao pensar sobre esses temas, de certo modo precisamos lembrar da nossa própria trajetória pessoal e profissional e pensar que adultos e professores queremos ser. Que condições materiais estão sendo oferecidas para as crianças? Que conhecimentos e sentimentos estão sendo transmitidos nas nossas ações? Que princípios éticos estão sendo construídos?

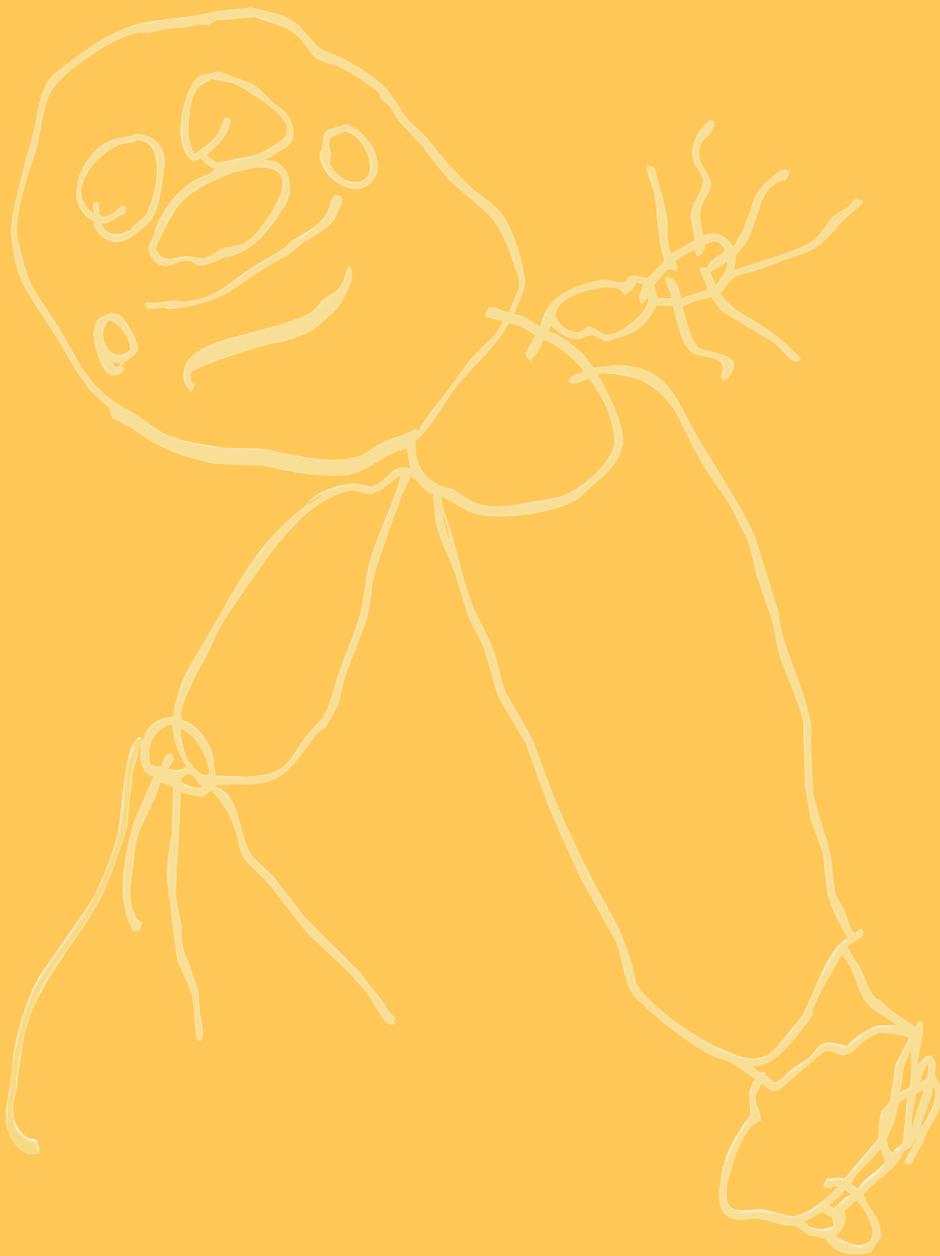
Refletindo sobre essas questões, já abordadas nos Módulos I e II, assumimos uma posição e também dizemos sim a objetivos, valores e a uma clara responsabilidade social que temos. É nosso entendimento que o principal papel que desempenhamos como professores(as) e como gestores(as) de políticas e ações públicas – não só na Educação Infantil – é um papel de humanização, profundamente comprometido com a ética e com valores humanos que contribuem para a educação de crianças, jovens e adultos numa perspectiva em que a generosidade, a solidariedade, a aceitação e o respeito sejam valores praticados no cotidiano da vida pessoal e profissional de todos nós.

Sabemos que estes não são temas fáceis. Sabemos também que muitas vezes são temas mais fáceis de estudar e discutir do que de praticar. Mas trazem possibilidades muito interessantes para o nosso trabalho. Esperamos que os temas possam ser discutidos por você e que o(a) ajudem no dia-a-dia com as crianças, os jovens, as famílias e com seus colegas adultos, professores, homens e mulheres que merecem também um tempo e um espaço para pensar na sua própria história e em modos de alterá-la.

**BOM TRABALHO!**



## B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EDUCAR E CUIDAR

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e de superior.

Celestin Freinet<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Celestin Freinet foi professor primário na França no início do século passado e desenvolveu uma pedagogia centrada nas situações reais, concretas, nas quais as crianças estão inseridas. (p. 104)

## ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Olá, professor(a)!

No Módulo II estudamos o desenvolvimento da criança e o papel das interações, da linguagem, da(s) cultura(s) e da brincadeira nas relações que a criança estabelece com o seu meio.

Este Módulo III, que tem como tema “Crianças e adultos e a gestão da Educação Infantil”, integra estudos acerca do cotidiano da creche e da pré-escola. Seu interesse pelos estudos aqui propostos é fundamental para a sua formação docente, bem como para a sua prática pedagógica numa educação pública que desejamos que seja de excelente qualidade.

Numa sociedade excludente como esta na qual vivemos, é possível uma educação pública de qualidade? Pode ser um desafio, mas é possível. E nós, professores(as), temos compromisso com esse desafio.

O trabalho docente de qualidade terá repercussões significativas na sociedade, na vida das crianças, adolescentes e jovens que passam boa parte da sua vida nas instituições educativas, na vida dos(as) professores(as) e na existência da própria escola também.

Sabe por quê? Porque as relações entre escola e sociedade são relações dialéticas. Ou seja, são relações que se influenciam mutuamente: ao mesmo tempo em que a escola transforma a sociedade, a sociedade também é transformada pela escola. Assim, dependendo da qualidade da ação educativa – que envolve muitos fatores, entre eles a ação docente – estaremos contribuindo para a manutenção ou para a mudança do que acontece na escola e fora dela.

Mesmo em meio a situações de vida e de trabalho tão hostis, como vimos nas Unidades 7 e 8 do Módulo I, nós, professores(as), podemos trabalhar por uma escola pública de qualidade, desde a Educação Infantil.

A realidade é adversa, mas é histórica: mudar é difícil, mas é possível. Estas e outras convicções, alimentadas pela leitura de Paulo Freire, entre outros educadores, ensinam a acreditar, a dialogar e a lutar por uma sociedade justa e por uma escola pública democrática, com um padrão de excelente qualidade em todos os níveis de ensino, desde a Educação Básica – em que se encontra a Educação Infantil – até a Educação Superior.

Refletindo sobre o papel do professor(a) da Educação Infantil em meio a tudo o que falamos, vamos começar o estudo do Módulo III.

## DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Com base nos objetivos propostos para este texto de FE, você poderá avaliar a sua aprendizagem durante o processo de formação.

Esses objetivos são os seguintes:

1. Conhecer os principais elementos sócio-históricos que constituem a conceituação contemporânea de Educação Infantil.
2. Compreender por que, na Educação Infantil, cuidar e educar são funções complementares e indissociáveis.
3. Identificar o cuidar-educar como prática social e profissional, e suas dimensões éticas e políticas.
4. Entender as especificidades da instituição de Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

## CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Este texto está dividido em quatro seções: a Seção 1, que discutirá os principais elementos sócio-históricos da conceituação contemporânea de Educação Infantil; a Seção 2, na qual estudaremos o cuidar e o educar como funções complementares e indissociáveis na Educação Infantil; a Seção 3, na qual serão tratadas as dimensões éticas e políticas do cuidado-educação como prática social e profissional; e, por fim, a Seção 4, que enfocará a identidade da instituição de Educação Infantil no contexto da Educação Básica.

### Seção 1 – Principais elementos sócio-históricos da conceituação contemporânea de Educação Infantil

**OBJETIVO DESTA SEÇÃO:**  
**- CONHECER OS PRINCIPAIS ELEMENTOS SÓCIO-HISTÓRICOS QUE CONSTITUEM A CONCEITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.**



Como vimos no Módulo 1, o reconhecimento da Educação Infantil como direito de todas as crianças de 0 a 6 anos de idade é uma conquista atual, que resulta de embates, discussões e dos movimentos sociais. Vimos também que as concepções que norteiam o atendimento às crianças em creches e pré-escolas não têm sido as mesmas

em todos os momentos da história da educação brasileira. Neste texto, retomaremos algumas questões pertinentes a esse assunto.



Priscilla Silva Nogueira

Esta etapa da educação – que vai do nascimento aos 6 anos – se constitui, hoje, na Educação Infantil, que é garantida às crianças em vários documentos legais, como estudamos na Unidade 4 do Módulo I. A seguir, destacamos três desses documentos:

- A Constituição Federal de 1988, art. 208, III – *O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade*”.
- O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90 – que no art. 54, IV, confirma os termos do artigo supracitado da Constituição.
- A LDB – Lei 9.394/96, art. 4º, IV – *O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia e atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade.*

## ATIVIDADE 1

Releia as Unidades 3 e 4 do Módulo I, destacando as principais conquistas da educação da criança de 0 a 6 anos descritas nessas unidades.

Como você pode constatar, nem sempre foi reconhecido, pelo poder público, o direito à educação para as crianças até 6 anos de idade. Também, num passado recente, não era reconhecida a importância da educação nesse momento da vida humana, o que se deve, em parte, às concepções acerca da infância/criança, da aprendizagem e do desenvolvimento, como estudamos no Módulo II.

Como exemplo dessas concepções, lembramos a abordagem inatista:

## PARA RELEMBRAR!

- Segundo a abordagem inatista, as capacidades básicas do ser humano dependeriam, apenas, da herança genética. Desse modo, essas capacidades já estariam definidas por ocasião do nascimento. Como podemos perceber, neste caso, o papel do ambiente e da educação seria minimizado e ambos – ambiente e educação – modificariam muito pouco ou quase nada o desenvolvimento e as aprendizagens da criança, que se dariam de forma espontânea, portanto, independentemente da participação de outras pessoas.

Como vimos no texto de FE da Unidade 1 do Módulo II, se pensarmos na educação a partir da concepção inatista, a escola não tem muito a fazer, apenas deixar aflorar o que é inato em cada criança. No entanto, estudamos que as crianças aprendem a partir das interações que estabelecem com o seu meio, que são produtoras de cultura ao mesmo tempo em que são influenciadas pela(s) cultura(s) ao seu redor.

Para compreendermos melhor essa trajetória, retomamos neste texto os principais elementos sócio-históricos da conceituação atual da Educação Infantil, lembrando que as mudanças das concepções têm repercussões nas tomadas de decisão.

Segundo as pesquisadoras Solange Jobim e Souza e Sonia Kramer (1988), as iniciativas de cunho educativo destinadas à criança de 4 a 6 anos no Brasil passaram a existir pouco antes de 1978. Com efeito, só em 1975 foi criada no MEC uma Coordenadoria de Educação Pré-Escolar, o que serviu de incentivo para que as Secretarias de Educação dos estados e municípios criassem um setor específico voltado para a educação de crianças menores de 7 anos.

## ATIVIDADE 2

Na Secretaria de Educação do seu município existe um setor que cuida especialmente da Educação Infantil?

Com o objetivo de conhecer melhor o lugar da Educação Infantil no seu município, sugerimos que você faça uma visita à Secretaria Municipal de Educação da sua cidade. Nesta visita, você poderá destacar as seguintes questões:

- a) Na Secretaria Municipal de Educação do seu município existe um setor específico responsável pela Educação Infantil?



- b) Se existe: quantas pessoas trabalham no setor? Que trabalho essas pessoas realizam junto às instituições de Educação Infantil? Na opinião dessas pessoas, o que precisa ser feito para melhorar a Educação Infantil no seu município?
- c) Se não existe: alguém da Secretaria de Educação trabalha com as instituições de Educação Infantil? Que trabalho essa(s) pessoa(s) realiza(m) junto às instituições de Educação Infantil?

### ATIVIDADE 3

Procure sistematizar as informações registradas, redigindo um pequeno texto sobre o lugar da Educação Infantil na Secretaria de Educação do seu município.

Da mesma forma que as políticas públicas, as concepções acerca da criança, da Educação Infantil e das suas funções têm mudado ao longo dos anos.

Miriam Abramovay e Sonia Kramer, em “O rei está nu”, um texto produzido em 1984, apresentam um debate sobre as funções da pré-escola. A partir desse texto, podemos entender que, em diferentes momentos da história da educação da criança de 0 a 6 anos de idade, diversas concepções influenciaram as funções definidas para esse nível da educação.

As autoras questionam o lugar da pré-escola a partir das funções que a identificam no seu percurso, as quais apresentamos a seguir:

#### 1. Guardar as crianças – a pré-escola guardiã



Na Europa do século XVIII, quando as grandes transformações sociais, econômicas e políticas fizeram surgir a necessidade de um lugar para guardar as crianças, aparecem as creches com a função de guardar crianças órfãs e filhos de trabalhadores, além de afastar as crianças do trabalho precoce.

## 2. Compensar as carências infantis – a pré-escola preparatória

Essa necessidade teve origem por volta do século XIX, podendo ser identificada, por exemplo, nas iniciativas de Friederich Froebel (na Alemanha) e Maria Montessori (na Itália), autores que serão estudados no texto de FE da Unidade 3 deste módulo, ao criarem, para as crianças pobres, um trabalho de cunho mais pedagógico do que assistencial, como na função anterior, quando apenas a intenção era de guardar as crianças que estivessem em situações socialmente desfavorecidas.

**Friederich Froebel** foi um educador Alemão que, em 1837, criou o “ Kindergarten ” – jardim-de-infância. Froebel comparou a criança a uma semente que precisa ser cuidada para desabrochar. O papel do educador seria criar as condições favoráveis para que a criança se desenvolvesse como a semente que, se bem adubada, torna-se uma árvore completa. A proposta levava em consideração a intenção educativa das crianças em idade pré-escolar.

**Maria Montessori (1870-1952)**, médica italiana, elaborou uma teoria científica do desenvolvimento infantil e dirigiu seu trabalho rumo a uma proposta pedagógica. De acordo com sua visão, a criança desenvolve um senso de responsabilidade pelo próprio aprendizado, e o ensino deve ser ativo. Sua pedagogia enfatiza a manipulação de objetos para se obter a concentração individual. Assim, a atenção do aluno é desviada do professor para as tarefas a serem cumpridas.

Desse modo, surge uma nova função para a pré-escola: compensar as deficiências da criança, inclusive sua miséria, sua pobreza.

No entanto, foi após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos e na Europa, que a pré-escola ganhou contornos mais definidos no que diz respeito à função de compensar as carências infantis. Várias pesquisas nesses países relacionavam o fracasso escolar às condições econômicas e sociais às quais as crianças estavam submetidas. O acesso à pré-escola passou a ser visto, então, como solução para suprir a privação cultural a que essas condições submetiam as crianças, resolvendo o problema do fracasso escolar. Esse contexto deu lugar ao surgimento da educação compensatória.

Em linhas gerais, essa foi a concepção de pré-escola que chegou ao Brasil na década de 70, levando o discurso oficial brasileiro a proclamar a educação compensatória como a solução para todos os males educacionais.

Seus questionamentos foram feitos a respeito da apropriação da educação compensatória para o trabalho realizado na pré-escola (lembrando que esse discurso de um atendimento que fosse além da possibilidade de guardar a criança não era direcionado às creches, mas apenas para a criança em idade pré-escolar), mas temos de reconhecer que este foi o início de um discurso oficial – a educação da criança pequena começava a ocupar um lugar fértil, de discussões e debates, cujas pautas continham itens como: a necessidade de definição das funções da pré-escola; a construção de um projeto pedagógico para a área, a luta por creches e pela democratização da escola pública.

Com o início da preocupação oficial com a educação pré-escolar, tivemos a Indicação nº 45/74 do então Conselho Federal de Educação (CFE). Essa indicação foi ratificada pelo parecer CFE nº 2.018/74, que marcou época na história da Educação Infantil brasileira. Os dois documentos do CFE assumiam explicitamente a aprovação da abordagem da carência cultural e a optavam pela forma compensatória de educação pré-escolar, alegando que “estudos e pesquisas demonstram que os cuidados dispensados ao pré-escolar contribuem para a prevenção do retardo escolar e de outros distúrbios oriundos das carências nutricionais e afetivas” (Brasil. CFE/Indicação 45/74. p.31).

Com essa explicação, os defensores da abordagem da educação compensatória procuravam justificar que as diferenças que existiam entre as pessoas de diferentes classes sociais aconteciam pelo fato de as pessoas das classes sociais desfavorecidas não terem cultura, e isso acontecia porque a única cultura considerada correta e aceita era a cultura da classe dominante. Assim, as crianças das classes populares, ao chegarem à pré-escola ou à escola, eram consideradas desprovidas de conhecimentos e de qualquer cultura – daí serem chamadas de carentes.

### **ATENÇÃO!**

- A partir desse entendimento, os programas de educação compensatória visavam compensar, via educação, todas as carências (física, nutricional, motora, lingüística, afetiva, cognitiva etc.) de que, segundo seus adeptos, eram portadoras as crianças das classes populares.

É importante esclarecer que, no contexto da educação compensatória, a pré-escola era considerada a panacéia: o remédio para todos os males. Portanto, seria também a solução para o fracasso escolar nas suas diversas formas: evasão, reprovação e repetências.

O Parecer nº 2.018/74, já citado, era explícito quanto à educação compensatória. Referia-se à necessidade de se elaborar uma legislação específica de educação pré-escolar, recomendando que a legislação desse “ênfase aos programas de emergências caracterizados como de ‘educação compensatória’ para a população de 6 e 5 anos ou menos, como parte integrante do ensino de 1º grau” (p. 28).

Outros documentos posteriores corroboraram esta posição do CFE quanto à educação pré-escolar compensatória. Foi o caso do Parecer nº 1.600/75, que apresentava um histórico da educação pré-escolar no mundo, analisando a importância dos primeiros anos de vida da criança, os objetivos e os problemas desse nível da educação, sinalizando a necessidade da formação e a especialização do(a) professor(a) pré-escolar. Ainda na década de 70, o Parecer 1.600/75 destacava as seguintes funções para a educação pré-escolar:

#### Funções da Educação Pré-Escolar (Parecer CFE/1.600/75)

Uma função que se poderia chamar de alimentadora, a se realizar (...) desde a creche até as classes pré-primárias;

Ou função que se poderia denominar de compensatória de carências variadas que, sendo emergencial, se concentra na criança de seis e sete anos que, não trazendo maturidade suficiente para a escolarização de 1º grau, seria para este preparada em termos de educação para a prontidão.

Como podemos perceber, a minimização da função da creche e também da educação pré-escolar está expressa nessa determinação do Conselho Federal de Educação, de 1975. Ali se atribuía uma função alimentadora para as crianças da creche até as classes pré-primárias. Hoje entendemos que a alimentação faz parte do cuidado cotidiano direcionado à criança de 0 a 6 anos nas creches, pré-escolas e escolas onde funcionam turmas de Educação Infantil. Além do cuidado, o momento da alimentação é um espaço rico para o desenvolvimento da solidariedade, da convivência e de muitas outras aprendizagens. Faz parte, portanto, da proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil.





Com relação à pré-escola, recomendava-se uma educação para a prontidão, fundamentada na concepção de que, ao chegar à pré-escola, as crianças das classes desfavorecidas estavam em acentuada desvantagem no que diz respeito aos conhecimentos e experiências culturais, desconsiderando-se tudo que a criança já havia vivenciado no contexto familiar e na comunidade.

A função da pré-escola, entendida como função de compensar as carências das crianças das classes populares, por estarem elas, de acordo com essa visão compensatória, submetidas a uma privação cultural, foi amplamente criticada no final da década de 70 (KRAMER, 1982). Em 1981, o MEC apresentou, no Programa Nacional de Educação Pré-Escolar, uma proposta com alterações que incorporavam as críticas ao programa da educação compensatória, como veremos a seguir.

Segundo Jobim e Souza e Kramer (1988), naquele momento, para o MEC, a função da pré-escola era promover o desenvolvimento da criança.

### 3. Promover o desenvolvimento global e harmônico da criança – a pré-escola com objetivos em si mesma

Apesar de ter absorvido as críticas à educação compensatória, o Programa Nacional de Educação Pré-Escolar permaneceu com a crença de que, a despeito das dificuldades das condições materiais de vida das crianças, a educação pré-escolar poderia promover, de forma regular e coerente (harmônica) o desenvolvimento das crianças nas áreas física, afetiva, cognitiva, social etc. O documento sinalizava que a educação pré-escolar teria objetivos em si mesma, próprios da faixa etária e adequados às necessidades do meio físico, social, econômico e cultural,



contribuindo principalmente para que a criança superasse problemas decorrentes do baixo nível de renda de seus pais. Conseqüentemente, esperava-se que esse suporte à criança na pré-escola viesse interferir futuramente no aproveitamento escolar. Diferente da educação compensatória, não havia preocupação imediata com a escolaridade posterior da criança. No entanto, segundo as autoras que tomamos como referência, a idéia de uma educação compensatória não estava de todo superada, pois, se antes a pré-escola era o remédio para os males educacionais, agora (se imaginava) era a solução para os problemas sociais e, futuramente, influenciariam a vida escolar das crianças.

Da mesma forma que a educação compensatória, a pré-escola com fins em si mesma recebeu críticas de professores(as) e gestores(as) de todo o Brasil.

Se não era guardar as crianças ou suprir necessidades básicas como a alimentação, tampouco compensar carências educacionais ou sociais, qual era o objetivo da pré-escola?

#### 4. Instrumentalizar as crianças – a pré-escola com função pedagógica

Na realidade, essa função não foi uma iniciativa oficial, mas resultado de pesquisas dos estudiosos da área, em sua maioria, profissionais comprometidos com a democratização da escola pública e a elevação da qualidade dos serviços por ela prestados. Com a preocupação de não antecipar, de forma drástica, a escolaridade da criança, eram apontadas alternativas para imprimir mais qualidade pedagógica à educação pré-escolar. A ênfase era colocada na necessidade de um trabalho sistemático e intencional. Segundo Abramovay e Kramer (1984), a pré-escola deveria ser um espaço de “incentivo à criatividade e às descobertas das crianças, ao jogo e à espontaneidade [...] um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia, através de atividades que têm um significado concreto para a vida das crianças e que, simultaneamente, asseguram a aquisição de novos conhecimentos”.

A pré-escola, vista por esse prisma, estava comprometida tanto com a criança e suas formas de expressão e interações que estabelece com a sua realidade quanto com o desenvolvimento posterior da sua escolaridade, principalmente favorecendo o processo de alfabetização.

Podemos perceber, nessa trajetória, que a educação da criança de 0 a 6 anos vem ganhando contornos mais definidos ao longo das últimas décadas. Além das quatro funções apontadas por Kramer e Abramovay, aparece, hoje, nos documentos oficiais para a educação infantil, uma função que merece a nossa atenção crítica, no sentido de continuarmos avançando na construção de uma Educação Infantil de qualidade.



## Cuidar/educar

Como dimensões intercomplementares e indissociáveis da Educação Infantil, este é o mais novo posicionamento da política educacional brasileira, assumido na década de 90.

O significado do cuidar e do educar, bem como a indissociabilidade entre esses dois aspectos, será o foco das duas próximas seções.

Finalizando os estudos desta seção, destacamos que a nossa revisão evidenciou que, em termos das funções da Educação Infantil, as mudanças foram sempre mais voltadas para a pré-escola e não para a creche. Desde que surgiu, ainda no séc. XVIII, a creche foi sempre colocada com a função de “guarda” das crianças e, quando não, com a função “alimentadora” (caso do Parecer CFE nº 1.600/75). Atualmente, porém, há outras concepções e alternativas práticas. Como você vê esta questão? Você percebe essas mudanças no contexto da creche, pré-escola ou escola em que trabalha?

Antes de passarmos à Seção 2, vamos lembrar, com o quadro a seguir, as funções que têm sido atribuídas à Educação Infantil, e em seguida faremos a Atividade 4.

## Funções históricas da Educação Infantil

- Guardar as crianças.
- Compensar as carências infantis.
- Promover o desenvolvimento global e harmônico das crianças.
- Instrumentalizar as crianças.
- Favorecer o processo de alfabetização.
- Cuidar/educar crianças.



Priscilla Silva Nogueira



## ATIVIDADE 4

- a) A partir do quadro apresentado, como você resumiria cada uma dessas funções?
- b) Olhando para a instituição na qual você trabalha, que função, ou funções, pode(m) ser identificada(s) no que diz respeito ao trabalho com a criança de 0 a 6 anos? Você pode perguntar para algumas pessoas e comparar os relatos com as funções que acabamos de estudar.

Você pode usar o seu caderno para fazer esses registros.

Seção 2 – “Cuidar” e “Educar” são funções complementares e indissociáveis na Educação Infantil

**OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:  
- COMPREENDER POR QUE, NA EDUCAÇÃO INFANTIL, CUIDAR E EDUCAR SÃO FUNÇÕES COMPLEMENTARES E INDISSOCIÁVEIS.**

A Educação Infantil, como vimos, deverá se desenvolver no âmbito da creche e da pré-escola, ambas consideradas instituições de Educação Infantil que se diferenciam, de acordo com a LDB, apenas quanto à faixa etária das crianças que atendem. A proposta para a creche é o trabalho com crianças de 0 a 3 anos e para a pré-escola o atendimento de crianças de 4 a 6 anos de idade. No entanto, devemos ressaltar que muitas turmas de Educação Infantil funcionam em escolas de Ensino Fundamental, nem sempre oferecendo as condições necessárias para um atendimento de qualidade para a criança de 0 a 6 anos de idade.

Estamos procurando construir uma educação de qualidade para a criança da creche e da pré-escola. Dentre tantas questões implicadas nesse processo, um dos desafios é definirmos a função que tanto a creche quanto a pré-escola devem desempenhar. Qual seria o objetivo desse atendimento? Acolher a idéia de uma dupla função contida nos termos educar e cuidar pode ser um avanço em relação às outras funções da pré-escola que surgiram nas últimas décadas, mas será que podemos compreender a relação entre educar e cuidar de uma outra maneira?

Além da compreensão de uma dupla função, uma outra visão traz a concepção de que educar engloba cuidar (KRAMER, 2003; TIRIBA, 2004). Nesse sentido, não falamos de duas funções, mas na possibilidade de distinguir a função da Educação Infantil, e de todos os demais segmentos da Educação Básica, e até da Educação Superior, como educar, e o cuidado como parte desse processo, assim como o são as interações, a

relação com a cultura e tudo mais que envolve a proposta pedagógica de uma instituição, no propósito de educar as crianças, adolescentes e jovens – e até adultos – na sociedade em que vivemos. Desse modo, percebemos que a relação entre cuidado e educação pode ser abordada a partir de diferentes pontos de vista.

## ATIVIDADES

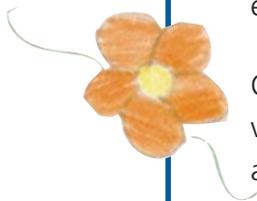


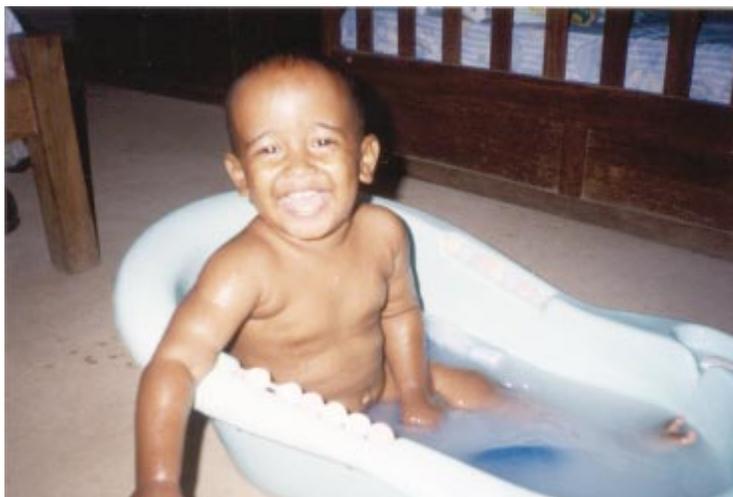
- a) Voltando à Atividade 4 da seção anterior, o que você descobriu sobre a função do trabalho realizado na creche, pré-escola ou escola em que você trabalha? Existe algum tipo de separação entre o que é considerado uma atividade de educação e o que é uma atividade de cuidado?
- b) Pensando no seu cotidiano com as crianças, o que você consideraria atividades de cuidado?
- c) Olhando para essas atividades, convidamos você a refletir: poderia existir uma proposta de educação que não levasse em conta essas atividades de cuidado? É possível educar sem cuidar? E o contrário?

Para algumas instituições ou profissionais de Educação Infantil, as atividades mais ligadas aos aspectos corporais e biológicos da educação – como a higiene, a alimentação, o descanso e outras – são tarefas de cuidado, enquanto as tarefas que “mexem com a cabeça” – como pintar, desenhar, fazer experiências em ciências ou elaborar um texto coletivo – são tarefas educativas.

E, com base nessa visão, muitas instituições assumem a postura de que as(os) auxiliares cuidem das crianças e os(as) professores(as) eduquem. Colocações como estas fortalecem a imagem da separação e não da integração corpo/mente, educar/cuidar. Além disso, essa divisão de responsabilidades promove a discriminação social entre os(as) trabalhadores(as) da educação, admitindo que alguns(algumas) deles(as) pensam e realizam trabalhos cognitivos no âmbito da educação enquanto outros(as) executam atividades manuais referentes aos cuidados.

O que vemos na prática, segundo Rossetti-Ferreira (2001), é que, quem educa, muitas vezes, não se propõe a cuidar. Por outro lado, os(as) profissionais responsáveis por alguns cuidados específicos – como dar o banho, trocar fraldas, alimentar – acabam não sendo considerados aptos a educar. O que devemos lembrar é que na relação com a criança estaremos sempre assumindo um lugar que será fundamental para a construção da sua subjetividade, seja cuidando ou descuidando do outro.





De tudo o que foi dito, podemos concluir que a organização das situações de cuidado ou de (des)cuidado, dependendo da forma como oportuniza a participação da criança, poderão educar para a conquista da autonomia, para a construção de conhecimentos relevantes ou (des)educar para a passividade, para a submissão, para a dependência.

Podemos dizer, então, que o cuidado e a educação estão intrinsecamente relacionados ao ser humano, à existência humana.

Vejamos: sem o cuidado, o homem deixa de ser humano e, como diz Leonardo Boff (1999, p. 34), “se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, perde sentido e morre, o que significa dizer que é o cuidado que possibilita a existência humana”. E a educação? “A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, ou é um ato humano por excelência” (SAVIANI, 1991. p. 19).

A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. E, enquanto uma ação humana, é prática social, subentendendo sempre uma certa concepção, uma visão de mundo. Enquanto atividade humana consciente, a educação abarca desde as funções humanas mais naturais, até as mais sofisticadas funções intelectuais (KRAMER, 1998. p. 39).

Educar para a paz e a solidariedade – assunto que abordaremos no texto de OTP da Unidade 1 deste módulo – deve ser uma das preocupações centrais da Educação Infantil: todas as nossas ações e atitudes educativas devem estar permeadas pelo cuidado, para que as crianças possam aprender a conviverem e a se respeitarem na unidade e na diversidade.

Não podemos cuidar das crianças sem educá-las, como também não podemos educá-las sem cuidar delas. Se temos preocupação em educá-las, é porque as crianças inspiram cuidados, evidenciando que esses dois aspectos da Educação Infantil, na verdade,

se constituem num só, não acontecem isoladamente. Portanto, o cuidar-educar não pode ser pensado nem trabalhado de forma desagregada, desunida. A **cisão** do binômio cuidar-educar é inaceitável, incompreensível, paradoxal.

Agora, convém retomarmos o que está colocado no RCNEI acerca do educar-cuidar:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, RCNEI, vol. 1, 2001, p.23).

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da Educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. (BRASIL, RCNEI, vol. 1, 2001. p. 24).



Priscilla Silva Nogueira

Como podemos perceber, as práticas de educação e cuidado estão indissociavelmente interligadas. O que isso quer dizer? Que educar e cuidar não se separam. São situações cotidianas que acontecem ao mesmo tempo. Que tal agora realizarmos uma atividade nesse sentido? Para isto, estamos propondo a última atividade desta seção.

## ATIVIDADE 6

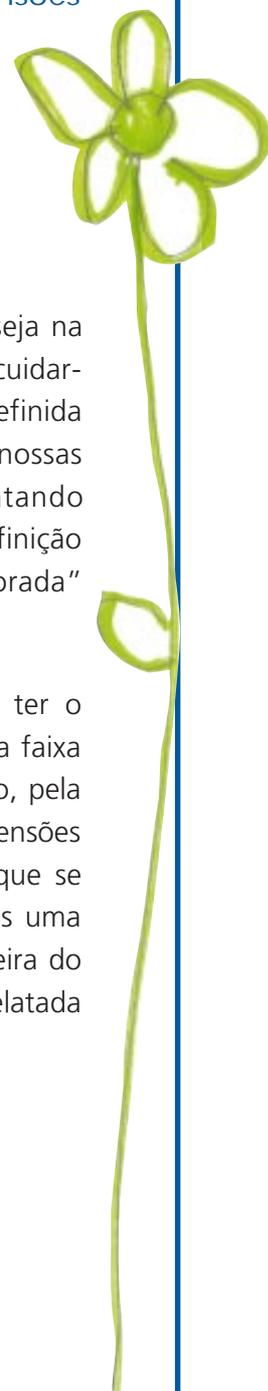
- a) A partir do que estudamos até aqui, e também da sua experiência como professor(a), como você definiria a função da educação da criança de 0 a 6 anos realizada em creches e pré-escolas?
- b) Como você relaciona essa concepção com o trabalho que você realiza na sua instituição de Educação Infantil? Você pode usar o seu caderno para registrar essas reflexões.

Seção 3 – O cuidar-educar como prática social e profissional: dimensões éticas e políticas

**OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:  
- IDENTIFICAR O CUIDAR-EDUCAR COMO PRÁTICA SOCIAL E PROFISSIONAL, E SUAS DIMENSÕES ÉTICAS E POLÍTICAS.**

Como vimos nas seções anteriores, uma das visões da Educação Infantil, seja na creche ou na pré-escola, se volta para a dupla função a ser desenvolvida: cuidar-educar. Esta dupla função da Educação Infantil – cuidar-educar – está definida nos documentos da atual política educacional brasileira, embora nas nossas práticas seja ainda um conceito em construção. Desse modo, “tratando explicitamente da necessidade de integração entre cuidar e educar, a definição de cuidado ainda é vaga, e a complexidade do conceito pouco explorada” (MONTENEGRO, 2001. p. 30).

O(a) professor(a) que trabalha, sobretudo, com a criança pequena, deve ter o cuidado como um dos componentes da sua ação educativa. Considerando a faixa etária – 0 a 6 anos – da criança atendida pela creche e pré-escola, portanto, pela Educação Infantil, é bastante compreensível que o cuidado seja uma das dimensões do processo educativo desempenhado por essa instituição. Cuidado este que se manifesta em diferentes momentos do cotidiano, como quando consolamos uma criança que se desaponta com a sua produção ou inserimos, numa brincadeira do grupo, uma criança que está destacada, como a experiência de Aninha, relatada nas memórias poéticas de Cora Coralina:



## Imaginários de Aninha (A roda)

As meninas do colégio no recreio brincavam do velho e jamais esquecido brinquedo de roda.

E eu, ali parada, olhando. Esquecida no chão a cesta com sua roupa de volta para mãe lavar.

Tinha nos olhos e na atitude tal expressão, tanto desejo de participar daquele brinquedo que chamei a atenção da irmã Úrsula que era a vigilante.

Ela veio para o meu lado, me empurrou carinhosamente para o meio da roda, antes que o grupo quintasse nova coleguinha.

O coro infantil entoou a cópia sempre repetida:

“A menina está na roda

Sozinha para cantar.

Se a menina não souber

Prisioneira vai ficar...”

Com surpresa de todos levantei alto minha voz, que minha mãe gostava de ouvir nas minhas cantorias infantis, ajudando a ensaboar a roupa:

“*Estou presa nesta roda*

Sozinha pra cantar.

Sou filha de lavadeira,

Não nasci para brincar.

Minha mãe é lavadeira,

Lava roupa o dia inteiro.

Busco roupa e levo roupa

Para casa vou voltar.”

Era o fim do recreio.

Irmã Úrsula sacudiu a campainha visivelmente emocionada.

(Imaginários de Aninha (A roda). CORALINA, Cora. 1985.)



Cuidar implica esse movimento em direção à necessidade do outro, que nos torna mais humanos, que nos sensibiliza e emociona.

Indissociavelmente ligado ao educar, o cuidar se constitui como uma das dimensões da prática profissional do(a) professor(a) da Educação Infantil. E como prática profissional que se exerce junto a outras pessoas, envolvendo, portanto, relações sociais, o trabalho docente – já a partir da Educação Infantil – se caracteriza como prática social. Mas o que seria uma prática profissional? Como ela deve ser exercida? E por quem ela deve ser exercida?

Uma prática profissional não se faz de qualquer jeito. Desse modo, essa prática não pode ser exercida por qualquer pessoa. Como diz Paulo Freire (1999), uma prática que se quer profissional tem seu fundamento na competência profissional.

E o que é necessário para que conquistemos a competência profissional como professor(a) da Educação Infantil? Dentre os múltiplos fatores que influenciam o alcance dessa competência, destaca-se a participação efetiva em cursos de formação profissional, como o PROINFANTIL, que agora é oferecido aos(as) professores(as) que trabalham na Educação Infantil.

Mas a formação profissional, por si só, não garante uma prática profissional: esta requer, dentre outros fatores, conhecimento, compromisso e ética, porque profissional é aquele que sabe o que faz, por que faz e, além disso, está empenhado em fazê-lo da melhor maneira possível (ZABALZA, 1994).

Que características deve apresentar um(a) professor(a) profissional na Educação Infantil?

## ATIVIDADE 7

Para realizar esta atividade, sugerimos que você leia novamente a parte inicial da Seção 3 e, em seguida, procure responder às perguntas abaixo. Você pode registrar suas idéias no seu caderno.

- a) Por que a prática docente se caracteriza como uma prática social?
- b) O que significa dizer que uma prática é profissional?
- c) Converse com um outro professor(a) da sua instituição e procure relacionar as características de um(a) professor(a) da Educação Infantil?

Essas idéias podem ser compartilhadas com os(as) seus(suas) colegas do PROINFANTIL.



## ATIVIDADE 8

A partir das características anteriormente listadas, e da sua prática cotidiana, o que você pode dizer sobre a sua atuação profissional? Escreva um texto intitulado “Um dia na creche e/ou na pré-escola: as ações de um(a) professor(a) profissional”. Esse texto pode fazer parte do seu memorial.

Como vimos, a Educação Infantil compreende uma visão indissociavelmente interligada de cuidar e educar. Dada a complexidade do termo “cuidado” e as interpretações equivocadas com que vem sendo tratado, o estudo desta seção será mais voltado para esse componente – o cuidado – das atividades na creche e/ou na pré-escola.

Com esta preocupação, lhe perguntamos: você já pensou no significado do termo “cuidado” na Educação Infantil?

A poesia “Ensino”, de Adélia Prado, fala do sentimento como algo que está ligado ao cuidado: pão e café arrumados e o tacho no fogo com água quente aparecem como ações cotidianas de cuidado permeadas pelo sentimento, a coisa mais fina do mundo.

### Ensino

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,

ela falou comigo: “Coitado, até essa hora no serviço pesado”.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.



Adélia Prado é, sem dúvida, uma das grandes figuras da poesia brasileira atual. Nascida em 13 de dezembro de 1935, reside em sua cidade natal, Divinópolis, Minas Gerais. Professora durante 25 anos, lecionou em todos os níveis de ensino, inclusive Filosofia na universidade local e foi chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Divinópolis.

Tal como a experiência de Aninha, na poesia de Cora Coralina, Adélia Prado traz as suas memórias em forma de poesia, mostrando que o cuidado deixa marcas que são para a vida toda. O cuidado não está só no que fazemos para o outro, mas também no sentimento com que fazemos. A partir dessa compreensão, entendemos que cuidado pode se manifestar de diferentes maneiras no trabalho cotidiano com as crianças.

Embora cuidemos sempre, o significado desse termo, quando relacionado à educação das crianças pequenas, tem mudado ao longo dos tempos, conforme discutimos na Seção 1. E hoje? Como é tratado o “cuidado”?

Atualmente, há um consenso em torno da aceitação do cuidado como um dos componentes da função da Educação Infantil. Porém, o mesmo consenso não é observado quanto ao significado do termo “cuidado”, afirma Thereza Montenegro (2001, p. 28), uma estudiosa brasileira da Educação Infantil. O cuidado tem sido considerado sob diferentes perspectivas – da afetividade, da moralidade, da ética, da assistência – dentre as quais a mais criticada é o cuidado como sinônimo de assistência, uma vez que:

- As amarras históricas que vinculam o cuidado ao atendimento assistencial, e este, por sua vez, à educação da primeira infância condicionam as posturas educativas das profissionais ao dimensionar o cuidado como menos importante ou talvez até a desconsiderá-lo (...) não precisamos nos envergonhar dessas dimensões do trabalho pedagógico, até porque cuidar constitui uma atividade humana (COUTINHO, 2002. p. 9).

O que tudo isso significa? Significa que ao longo da história da Educação Infantil, principalmente no que diz respeito às creches, as ações dos(as) professores(as) ficavam restritas às tarefas de alimentação e higiene. A compreensão de que a proposta da educação da criança de 0 a 6 anos era limitada a assistir as crianças nas suas necessidades de alimentação, sono e higiene subentendia que qualquer pessoa, mesmo sem formação profissional na área docente, podia assumir o trabalho com as crianças nas creches e pré-escolas.

Porém, hoje, a compreensão do que significa o cuidado é diferente. Com base nos estudos e pesquisas atuais, é considerada equivocada e reducionista a compreensão do cuidado, apenas, sob o prisma da assistência. Contudo, mesmo que o cuidado significasse apenas assistência, esta não poderia ser considerada uma atividade menor, sem importância. Prestar assistência a uma criança – banhando, alimentando, aconchegando-a, carregando-a nos braços – é tão importante quanto qualquer outra atividade desenvolvida com ela na Educação Infantil. Segundo Maria Malta Campos (1994, p. 35), as ações de cuidado consideradas de assistência são atividades ligadas à proteção e apoio necessários ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, animar, enfim, cuidar, todas como parte integrante do que chamamos educar. E todas são importantes!



Priscilla Silva Nogueira

Portanto, cuidado não pode ser compreendido na Educação Infantil como era antigamente, ou seja, apenas como a realização das tarefas de alimentação, higiene etc. O cuidado é mais que isso: o cuidado tem uma dimensão filosófica. A atenção, a ternura, o carinho, a gentileza, a generosidade, a simpatia, “o sentimento, a coisa mais fina do mundo” são dimensões do cuidado que precisam estar presentes nas relações entre as pessoas, tanto na Educação Infantil como em todas as outras atividades educativas. Como disse poeticamente Adélia Prado, “o sentimento é a coisa mais fina do mundo!”

Considerando as várias facetas que o cuidado abarca, esta função da Educação Infantil não poderá ser compreendida em toda a sua plenitude, se tratarmos as suas dimensões de forma compartimentalizada, fragmentada, setorizada. Cumpre esclarecer que as dimensões afetiva e moral do cuidado não se manifestam num vazio. Nesse sentido, na Educação Infantil, as dimensões afetiva e moral estão interligadas e se materializam em todas as ações, inclusive naquelas consideradas de assistência.

Outra questão importante e que deve ser esclarecida é que o cuidado na Educação Infantil – assim como toda e qualquer ação educativa – se configura nas suas dimensões éticas e políticas.

Conforme vimos, o cuidado tem especificidades que o caracterizam enquanto tal. Essas especificidades se concretizam nas ações de afetividade, de carinho, de aconchego, de zelo, enfim, ações do adulto que cuida da criança com o objetivo de promover o desenvolvimento dessa criança em toda a sua plenitude. Entendemos que, ao cuidar das crianças no sentido de protegê-las, mas, ao mesmo tempo, no sentido de fazê-las avançar nas suas aquisições, no seu desenvolvimento, o(a) professor(a) está cuidando, no verdadeiro sentido filosófico da palavra. Portanto, está cumprindo o papel político, ou seja, a dimensão política do cuidado.

E a dimensão ética do cuidado, como pode ser entendida? Inicialmente, temos que deixar claro que a dimensão ética do cuidado tem uma estreita relação com a sua dimensão política. Contudo, uma dimensão não deve ser confundida com a outra.

No nosso dia-a-dia, ouvimos muito falar em ética. O que seria um(a) professor(a) ético(a)? Essa questão é complexa.

Segundo o Documento Introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997. p. 31), a pergunta ética por excelência é: “Como agir perante os outros?”. A ética trata dos princípios segundo os quais a conduta humana deve ser pautada. Neste sentido, os direitos do outro nos impõem deveres para com esse outro.

Pela ética, nossas atitudes de cuidado devem ser desenvolvidas respeitando-se direitos, mas também podendo ir além desses direitos. Pelo sentido amplo da ética, respeitamos certos limites, porém superamos outros. Por exemplo, a generosidade, a humildade, a alegria não estão listadas entre os direitos da criança, mas nada nos impede de praticá-las quando cuidamos das crianças. Pelo contrário, a ética nos motiva a agir com humildade, de modo generoso, e o cuidar-educar pode e deve estar marcado (deve estar pleno desses) por esses sentimentos que poderão fazer a diferença no trabalho de qualidade que queremos desenvolver na creche e na pré-escola.

E essa diferença, esperamos, fará mais felizes todos aqueles diretamente envolvidos na Educação Infantil – crianças e professores(as).

Agora, para concluir os estudos desta seção, propomos as seguintes atividades:

## ATIVIDADE 9



Você teve oportunidade de estudar no Módulo I as leis referentes à Educação Infantil. Dentre essas leis destacamos o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069/90).

Você tem acesso a esse documento? Procure ler o ECA, e destaque os direitos da criança de 0 a 6 anos de idade que lá estão definidos.

## ATIVIDADE 10



Considerando os direitos da criança apresentados no ECA, como devemos agir eticamente, respeitando e ampliando esses direitos? A partir dessa questão, sugerimos que você construa um pequeno texto e compartilhe suas idéias com os(as) professores(as) da instituição na qual você trabalha.

Seção 4 – Identidade da instituição de Educação Infantil no contexto da Educação Básica

**OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:**

**- ENTENDER AS ESPECIFICIDADES DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA.**



Neste último item, discutiremos as especificidades da instituição de Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, tomando como referência principal a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse sentido, lembraremos como se divide a educação brasileira em geral, embora a nossa discussão, neste texto, se limite apenas à Educação Infantil.

De acordo com o art. 21 da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação – a Lei nº 9.394/96 –, a educação escolar brasileira compreende dois grandes níveis: a Educação Básica e a Educação Superior. A Educação Infantil se localiza na Educação Básica:

A Educação Básica compreende três níveis:

1. Educação Infantil: 0 – 6 anos.
2. Ensino Fundamental: 7 – 14 anos.
3. Ensino Médio: 15 – 17 anos.

Como vimos no Módulo I, pela primeira vez na história da legislação brasileira, a Educação Infantil integra a Educação Básica e tem a sua importância reconhecida e destacada com muito mais ênfase que nas legislações anteriores.

As Leis de Diretrizes e Bases – a Lei nº 4.024/61 e a Lei nº 5.692/71 –, anteriores à atual LDB, tratavam a Educação Infantil de forma bastante tímida. A Lei nº 4.024/61 (Título VI; Capítulo I; art. 23) dizia que “a educação pré-primária, destinada às crianças até 7 anos, será ministrada em escolas maternas e jardins-de-infância”, e, no art. 24 do mesmo capítulo, determinava: “o poder público estimulará as empresas que têm mães de menores de 7 anos, como servidoras, a organizarem instituições de educação pré-primária”.

Salienta-se que a CLT – Seção VI; art. 389; IV; §1º e §2º – já determinava, como ainda determina, que os estabelecimentos em que trabalhassem pelo menos trinta mulheres com mais de 16 anos de idade, deveriam ter locais apropriados para guardar os filhos no período de amamentação, o que poderia ser suprido por meio de creches, mantidas pelas próprias empresas ou em regime comunitário (BRASIL, 1979. p. 10, 11).

Dez anos após a Lei 4.024/61, portanto, em 1971, foi promulgada uma nova legislação para reger a educação brasileira – a Lei 5.692/71 – que se colocava quanto à educação da criança pequena nos seguintes termos: “Os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a 7 anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins-de-infância e instituições equivalentes” (art. 19, § 2º). Se a legislação de 1961 parecia mais incisiva quanto à Educação Infantil, a legislação de 1971 não a colocou no lugar de destaque a que faz jus. Assim sendo, se a Lei 4.024/61 não conferiu à Educação Infantil a importância merecida, a Lei 5.692/71 foi muito mais tímida e omissa nesse sentido.

Conforme vimos anteriormente, a Educação Infantil, como 1º nível da Educação Básica, se destina às crianças de 0 a 6 anos de idade. O seu atendimento se dá através de creches ou entidades equivalentes – para as crianças de 0 a 3 anos – e pré-escolas – para as crianças de 4 a 6 anos (art. 30 da Lei 9.394/96).



Priscilla Silva Nogueira

Apesar do compromisso que documentos legais mais importantes, como a Constituição Federal, o ECA e a LDB, têm assumido com relação à Educação Infantil, ela não é considerada obrigatória como é o Ensino Fundamental. Mesmo não sendo considerada obrigatória, pois a educação da criança de 0 a 6 anos é uma opção da família, a inserção da Educação Infantil na Educação Básica pode ser considerada uma conquista, porque abre a perspectiva da **universalização do atendimento**, como acontece hoje no Ensino Fundamental.

No contexto da educação nacional, as instituições de Educação Infantil – públicas e privadas – integram o sistema municipal de ensino (Lei nº 9.394/96; art. 18; I; II), o que possibilita, apesar da diversidade, uma certa unidade do atendimento, seja este público ou não. No conteúdo desse artigo da atual LDB, também é importante destacar a ascendência do Poder Público Municipal sobre as instituições particulares, que, pelo menos no plano legal, devem cumprir as determinações e prestar contas aos seus Conselhos de Educação e às suas Secretarias. E quanto à finalidade da Educação Infantil?

No art. 29, a LDB assim definiu as finalidades da Educação Infantil:

“A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Seja na creche ou na pré-escola, o(a) professor(a) deve estar atento(a) em promover situações que propiciem o desenvolvimento da criança nos seus diversos aspectos. Desse modo, determinadas situações de ensino-aprendizagem poderão oportunizar predominantemente o desenvolvimento de uma área, mas nunca excluir as demais.

Com essa ampla finalidade definida, oficialmente a Educação Infantil deixa de ter aquela conotação assistencialista de “guarda de crianças” e de medida reparadora dos males sociais, como o fracasso escolar. É fato que as instituições de Educação Infantil devem proteger as crianças. Todavia, a sua função não deve se limitar à guarda e proteção. Repetimos: educação Infantil não é a panacéia para todos os males, mas pode ter um papel significativo no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

Se no texto legal não foi fácil modificar a visão assistencialista da Educação Infantil, na prática, essa mudança requer um esforço redobrado, porque:



Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da Educação Infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas (BRASIL, RCNEI, 2001. v.1. p. 17).

Quanto à função social da Educação Infantil em creches e pré-escolas – esta é uma questão omitida pela LDB, embora já definida em documentos da política educacional anteriores e posteriores à LDB. Está explícito nesses documentos que a Educação Infantil deve cumprir duas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar.

Como exemplo dessa definição em documentos anteriores à LDB, citamos:

1. Um documento da SEF/MEC intitulado Política Nacional de Educação Infantil

(BRASIL, 1994. p. 17): “As particularidades desta etapa de desenvolvimento exigem que a Educação Infantil cumpra duas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar, complementando os cuidados e a educação realizados na família (...)”.

2. Outro documento da SEF/MEC, “Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil” que é anterior à LDB, embora, como a LDB, seja de 1996. Assim, diz este documento: “As instituições de cuidado e Educação Infantil coletivas podem ser espaços privilegiados de socialização e aprendizagem para as crianças, desde que o trabalho esteja adequadamente organizado e que seja assumida a função social de educar e cuidar das crianças” (BRASIL, 1996, p.17).

Posteriores à LDB, temos outros documentos que também explicitam o cuidar e o educar como dupla e indissociável função da Educação Infantil. Vejamos, como exemplo, o que diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 2001. v.1. p. 23):

- Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de Educação Infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores.

A Educação Infantil guarda uma especificidade com relação à formação dos seus profissionais, porque:

- No caso da Educação Infantil, que abrange o atendimento às crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas, exigindo que o profissional cumpra as funções de cuidar e educar, o desafio da qualidade se apresenta com uma dimensão maior, pois é sabido que os mecanismos atuais de formação não contemplam esta dupla função. É preciso, portanto, (...) que esta formação seja orientada pelos pressupostos e diretrizes expressos na Política de Educação Infantil (BARRETO, 1994. p. 13).

Solange Jobim e Souza e Kramer (1994), discutindo a formação do profissional da Educação Infantil, questionam a possibilidade de se concretizar um trabalho com a infância que seja voltado para a construção da cidadania, e também, como estudamos, voltado também para a ética e para o respeito, sem que os adultos envolvidos nesse processo também sejam considerados da mesma forma. Segundo as autoras, isso implica o entendimento de que os mecanismos de formação sejam percebidos como prática social inevitavelmente coerentes com a prática que se pretende implantar, implicando salários, planos de carreira e condições de trabalho dignas (p. 54-55).

A formação de profissionais da Educação Infantil implica, ainda, segundo Kramer (2002), dois outros fatores fundamentais: considerar as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas e aquilo que sobre elas falam seus profissionais e também levar em conta a dimensão cultural, tanto da vida dos adultos quanto da vida das crianças. As práticas são o ponto de partida para as mudanças que se pretende implementar e a cultura traz a possibilidade de aprendermos com as histórias de vida.

- "Atentar para os saberes e valores dos profissionais, a partir de seu horizonte social, para suas etnias, sua história de vida e trabalho concreto, é a singeleza que cerca uma proposta de formação e nisso está também sua força e possibilidade de êxito." (KRAMER, 2002. p. 129)

E da mesma forma que os profissionais e as instituições de Educação Infantil – sejam elas creches ou pré-escolas – não devem ser diferenciados nem hierarquizados – nem entre si nem com relação aos(as) professores(as) dos outros níveis de ensino – as crianças atendidas por essas instituições também devem ser respeitadas na sua individualidade, mesmo na diversidade – social, cultural, étnica, afetiva, cognitiva –, em toda e qualquer esfera do desenvolvimento em que essa diversidade se manifeste.



Considerando também as necessidades e o ritmo de cada criança, o(a) professor(a) deve trabalhar no sentido de educá-la, cuidando para incluí-la sempre e nunca estigmatizá-la, seja qual for a diferença apresentada por cada criança. A esse respeito, convém salientar que as crianças portadoras de necessidades educativas especiais (como estudamos na Unidade 8 do Módulo II) também têm o direito constitucionalizado de serem atendidas, preferencialmente na rede regular de ensino, já a partir da Educação Infantil, portanto, de 0 a 6 anos de idade (Lei nº 9.394/96; Capítulo V; art. 58; § 3º).

Como parte integrante da ação pedagógica, a avaliação na Educação Infantil também tem a sua especificidade. Assim, nesse nível da educação, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental (Capítulo II; Seção II; art.31 da LDB). De acordo com o RCNEI (BRASIL, 2001. v. 1. p. 58-61), o registro é, para fins de avaliação objetiva, acompanhar, orientar, regular e redirecionar o ensino-aprendizagem da criança de 0 a 6 anos de idade, bem como informar às próprias crianças e aos seus pais sobre os seus avanços e conquistas. O registro pode ser feito de diversas formas: gravação em áudio e vídeo, fotografias, produções das próprias crianças, o que poderá permitir ao(a) professor(a), a partir das necessidades colocadas pelas crianças, definir critérios para criar situações de aprendizagem que possam gerar avanços no desenvolvimento infantil.

Como vimos no artigo da LDB citado, a avaliação na Educação Infantil não objetiva a promoção da criança, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental. Ainda assim, considerando que os dois níveis de ensino – Educação Infantil e Ensino Fundamental – são partes integrantes da Educação Básica, é necessário um grande esforço

para que se articulem esses dois níveis, alertando-se, porém, para o que diz Kuhlmann Jr. (2000, p. 57): “seria um equívoco engessá-la (a Educação Infantil) nos moldes do Ensino Fundamental, que lhe sucede, em uma perspectiva preparatória”. No texto de OTP da Unidade 3 do Módulo IV, você terá oportunidade de discutir mais de perto o processo de avaliação na Educação Infantil.

Nesse sentido, toma-se relevante a construção de propostas curriculares que favoreçam a articulação entre a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, que considerem a criança como um ser histórico, social, singular e plural, cujo desenvolvimento e aprendizagem se constituem em processos que acontecem de forma continuada e integral. A partir dessa visão, as situações de ensino-aprendizagem devem ser trabalhadas de forma integrada.

Para o cumprimento desses objetivos, é fundamental termos clareza de uma Educação Infantil que:

“garanta o direito à infância e o direito a melhores condições de vida para todas as crianças (pobres e ricas, brancas, negras e indígenas, meninos e meninas, estrangeiras e brasileiras, portadoras de necessidades especiais etc.) deve, necessariamente, partir da nossa diversidade cultural e, portanto, a organização do espaço deve contemplar a gama de interesses da sociedade, das famílias e, prioritariamente, das crianças, atendendo as especificidades de cada demanda, possibilitando identidade cultural e sentido de pertencimento.” (FARIA, 2000. p. 69).

Tendo como referência principal a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação, discutimos as especificidades da Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica e destacamos a sua singularidade: ser um direito constitucionalizado de todas as crianças, ser parte integrante da Educação Básica, mas não ser obrigatória, apesar de reconhecida a sua importância.



## ATIVIDADE 11

Considerando o texto da Seção 4 deste módulo, o que você poderia destacar como especificidade da Educação Infantil no que diz respeito ao seu profissional, ao trabalho realizado com as crianças e quanto à avaliação?



## PARA RELEMBRAR

Trazemos para este item algumas questões que consideramos importantes no estudo deste texto, quando discutimos o educar e o cuidar a partir do reconhecimento da Educação Infantil como direito de todas as crianças de 0 a 6 anos de idade, como uma conquista atual, resultante de embates e discussões.

- Nem sempre foi reconhecido, pelo poder público, o direito à educação para as crianças até 6 anos de idade. Também, num passado recente, não era reconhecida a importância da educação nesse momento da vida humana, o que se deve, em parte, às concepções acerca de infância/criança, de aprendizagem e de desenvolvimento.

### Funções históricas da Educação Infantil

Na história da Educação Infantil no Brasil, podemos destacar as seguintes funções: guardar as crianças, compensar as carências infantis, promover o desenvolvimento global e harmônico delas, instrumentalizá-las, favorecer o processo de alfabetização, e, no contexto atual, cuidar-educar crianças de 0 a 6 anos de idade.

- No contexto da educação compensatória, a pré-escola era considerada a panacéia – remédio para todos os males – portanto, seria também a solução para o fracasso escolar nas suas diversas formas: evasão, reprovação e repetências.
- Diferente da educação compensatória, na pré-escola, concebida com fins em si mesma, não havia preocupação imediata com a escolaridade posterior da criança. No entanto, a idéia de uma educação compensatória não estava de todo superada, pois, se antes a pré-escola era o remédio para os males educacionais, agora era a solução para os problemas sociais e, futuramente, influenciaria a vida escolar das crianças.
- Indissociavelmente ligado ao educar, o cuidar se constitui como uma das dimensões da prática profissional do(a) professor(a) da Educação Infantil, e como prática profissional que se exerce junto a outras pessoas, envolvendo, portanto, relações sociais, o trabalho docente – já a partir da Educação Infantil – se caracteriza como prática social.

- Um trabalho com a infância que seja voltado para a construção da cidadania, para a ética e para o respeito implica um processo de formação dos profissionais da Educação Infantil que leve em conta as dimensões éticas e políticas desse processo.
- A formação de profissionais da Educação Infantil implica, ainda, considerar as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas e aquilo que sobre elas falam seus(suas) profissionais, como também levar em conta a dimensão cultural, tanto da vida dos adultos quanto da vida das crianças.

## ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

### Orientações para a prática pedagógica

Professor(a),

Com certeza, muitas idéias devem ter passado pela sua cabeça e pelo seu coração no estudo deste texto de FE, pois cuidar e educar são tarefas importantes e nem sempre fáceis de entender.

Que tal agora fazer uma análise reflexiva da sua prática, relacionando-a aos conhecimentos discutidos?

A partir das questões estudadas neste texto, tanto da Educação Infantil como dos profissionais que trabalham com a criança de 0 a 6 anos, e também da sua prática cotidiana, o que você pode dizer sobre a sua atuação profissional? Escreva um texto intitulado “Um dia na creche e/ou na pré-escola: as ações de um(a) professor(a) profissional”. Esse texto pode fazer parte do seu memorial.

## GLOSSÁRIO

**Cisão:** separação; divergência; desacordo. No caso ao qual nos referimos, dizíamos que as dimensões do binômio cuidar-educar não devem ser pensadas nem trabalhadas de forma separada ou em desacordo.

**Universalização do atendimento:** processo que se efetiva quando a oferta de vagas é compatível com a demanda. Ou seja, que todas as famílias que desejarem matricular seus filhos na Educação Infantil possam concretizar esse direito da criança, garantido na Constituição. De acordo com o Item I, do Art. 206 da Constituição/88, no que diz respeito à Educação, o ensino, em todos os níveis da educação, deve ser ministrado tendo como base a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

## SUGESTÃO PARA LEITURAS

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2000.

FUCHSHUBER, Annegerte. História de Gigante/História de Ratinho. São Paulo: Ática, 1998.

MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). Encontros & Desencontros em Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTENEGRO, Thereza. O Cuidado e a Formação Moral na Educação Infantil. São Paulo, EDUC, 2001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam, KRAMER, Sonia. O rei está nu: um debate sobre as funções da pré-escola. In: Cadernos Cedes. São Paulo: Cortez, 1984.

BARRETO, Ângela M. Rabelo F. Por que e para que uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil? In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994. p. 11-15.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional da educação infantil. In: BRASIL/MEC/SEF/COEDI. Por uma política de formação do profissional da educação infantil. Brasília, 1994. p. 32-42.

CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Educação Infantil: espaço de educação e cuidado. 25ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 29 de setembro a 2 de outubro de 2002. GT-7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/tp25.htm>. Acesso em: 30/03/2004.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, PALHARES, Marina Silveira (orgs.). Educação Infantil pós – LDB: rumos e desafios. 2.ed. Campinas: Autores Associados, São Carlos: Edit. da UFSCar, Florianópolis: Edit. da UFSC, 2000. p. 67-97. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 62).

FREINET, Celestin. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 165 p. (Coleção Leitura).

JOBIM e SOUZA, Solange, KRAMER, Sonia. Educação ou Tutela: a criança de 0 a 6 anos no Brasil. São Paulo: Ed. Loyola, 1988.

JOBIM e SOUZA, Solange, KRAMER, Sonia (1992). Esboço de uma proposta curricular para a formação de educadores de creche em 2º grau. In: ROSEMBERG, F., CAMPOS, MM e VIANA, C.P. (orgs.). A formação do educador em creche. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 1992. p. 54-55.

KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1982.

\_\_\_\_\_. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). Encontros & Desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002. p. 117-132.

\_\_\_\_\_. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, Luiz C., KRAMER, Sonia. Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo, Cortez, 2003.

KUHLMANN Jr., Moysés. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, A.L.G. e PALHARES, M.S. (orgs.). Educação Infantil e pós-LDB: rumos e desafios. Campinas, SP: Autores Associados; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1999 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

MONTENEGRO, Thereza. O cuidado e a formação moral na educação infantil. São Paulo, EDUC, 2001.

PRADO, Adélia. Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1996.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Revista Pátio Educação Infantil, ano I, nº 1, abr./jul., 2003, p.11.

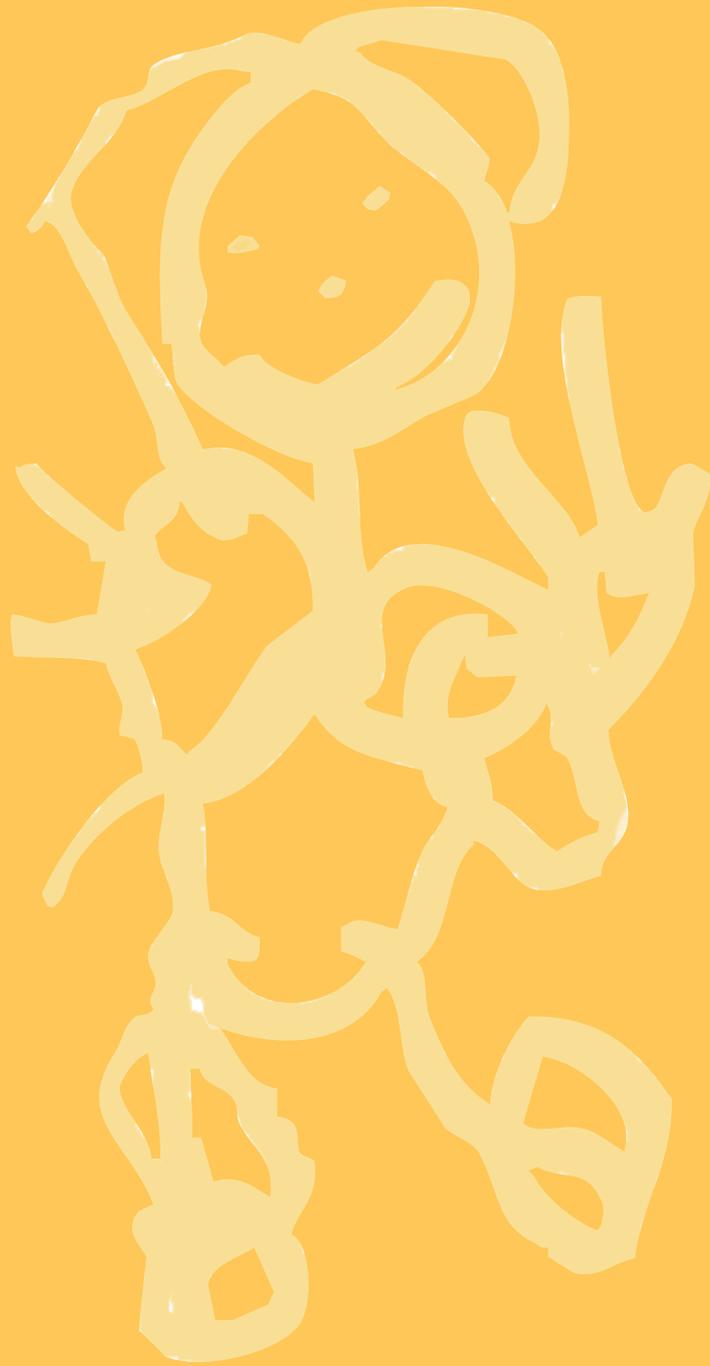
SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: Teorias da Educação; Curvatura da Vara; Onze Teses sobre Educação e Política. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983. 96 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 5).

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991. 112 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 40).

TIRIBA, Lea. Educar e cuidar: buscar a teoria para compreender os discursos e as práticas. In: KRAMER, Sonia (org.). Profissionais de educação infantil em formação. São Paulo: Ática, 2004.

ZABALZA, Miguel Angel. Diários de Aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto, 1994.





## ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO RELAÇÕES INTERPESSOAIS: EDUCAÇÃO PARA A PAZ E A SOLIDARIEDADE

*" Importa hoje conceder cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza, do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas."*

Leonardo Boff<sup>1</sup>



<sup>1</sup> BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

## ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Olá, professor(a)!

O tema deste texto tem muito a ver com nossa vida: a paz.

O mundo precisa de paz e nós também a queremos no mais íntimo de nosso ser.

Leonardo Boff, autor do texto destacado logo abaixo do título desta unidade, analisa o cuidado que devemos ter com a terra inteira e com o **ecossistema** local, com a sociedade sustentável, com o outro, com os pobres, oprimidos e excluídos, com nosso corpo, com nosso espírito e com a grande travessia da morte. Essa atitude de cuidado estabelece o fundamento de uma nova **ética** – a ética que precisamos no mundo de hoje. Leonardo Boff parte da primazia que o sentimento deve ter sobre a lógica ou a razão, porque, segundo ele, só nós humanos podemos construir o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas portadoras de valor. O assunto deste texto nos ajudará a refletir sobre questões semelhantes a estas apontadas pelo autor.

Olhemos para fora de nós: a guerra está sempre presente em algum lugar; bombas atômicas, armas químicas e a insanidade de algum governante em usá-las podem destruir a vida sobre a Terra; atos e ameaças terroristas semeiam horror, medo e tensão; pretensões imperialistas invadem com prepotência países que não obedecem ao seu interesse econômico; assaltos, seqüestros, roubos, balas perdidas matam inocentes nas ruas e tiram a segurança de qualquer pessoa; exploração, injustiças, opressão, exclusão social desrespeitam a dignidade da pessoa humana e condenam povos ao subdesenvolvimento e à submissão. Tudo isso faz levantar vozes clamando por um mundo mais justo, por uma sociedade solidária, pela paz.

Olhemos para dentro de nós: queremos estar bem, ter paz e tranquilidade no interior de nosso coração. Ninguém quer ansiedade, brigas, desentendimentos, ódio, revolta, insegurança, medo. Mas um número muito grande de pessoas sofre desses males. Quantas vezes você ouve pessoas dizerem: “me deixe em paz; eu quero é paz” e o que falta é a paz dentro delas. Com freqüência, temos vontade de nos afastar do corre-corre, do sufoco, dos ambientes carregados, das pessoas tensas, estressadas. Às vezes você está diante de uma linda paisagem que inspira dizer: “que ambiente de paz!”. A pessoa que não tem paz fica doente. Já aquela que tem uma fisionomia serena, transmite bem-estar ao seu redor.

Vemos, então, que há dois espaços de paz: exterior e interior, político e psicológico, social e individual. Uma é a paz do interior de nossos corações; outra é aquela que reina entre as pessoas, os grupos, as instituições, os países. Uma é a serenidade,

o sentimento do belo, a confiança mesmo diante de grandes problemas, a certeza de que agimos corretamente. Outra, a harmonia ou, pelo menos, o respeito nas relações entre as pessoas, os grupos, as nações, o direito à autodeterminação dos povos, a solução dos conflitos pelo diálogo, a convivência democrática, o desenvolvimento com justiça.

### Convivência

Processo gerador de sentimentos e idéias que rompem o egoísmo e a auto-suficiência e produzem a alegria do encontro, a atenção, o cuidado do outro. A convivência inclui a relação respeitosa com o meio ambiente, o cuidado da Terra, a proteção da biodiversidade, a preservação dos recursos naturais e exige a justa distribuição dos bens nela produzidos.

A paz interior e a paz exterior se relacionam intrinsecamente, de sorte que, humanamente falando, é quase impossível existir uma sem a outra.

Se vivemos em risco de guerra ou sob ameaça de atos terroristas, se a guerra está destruindo lares, matando inocentes, causando imensos sofrimentos, acirrando ódios, se estamos cercados de gangues que disputam espaços de crime, se roubos, assaltos, seqüestros acontecem diariamente e podemos ser vítimas a qualquer hora, como podemos viver em paz? O ambiente externo abafa as condições internas de paz.

Se carregamos o ódio ou a revolta em nosso íntimo, se nos deixamos dominar pelo sentimento de vingança, se nos consideramos superiores aos outros e juízes de seus atos, se não admitimos divergência de nossas opiniões, se somos impetuosos e reagimos com violência, facilmente retiramos o clima de paz ao nosso redor e provocamos sofrimento, insegurança, medo, raiva. As disposições interiores causam a falta de paz fora da pessoa.

Pense nesta frase que está escrita no [Ato Constitutivo da UNESCO](#): “Como as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz”.

O quadro Guernica, que você verá a seguir, foi pintado pelo artista espanhol Pablo Picasso. Essa obra foi uma resposta de Picasso à Guerra Civil Espanhola, episódio histórico que aconteceu pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Uma guerra civil é um conflito que envolve grupos de um mesmo país. Outros países só participam se for indiretamente, ou seja, apoiando um dos grupos. No caso da Espanha,

o combate começou em julho de 1936, com a tentativa de um golpe militar liderado pelo General Francisco Franco contra a República Espanhola e seu governo.

Picasso aceitou pintar um grande mural para o pavilhão espanhol na Exposição Internacional de 1937, em Paris. Ainda não havia começado a pintar o quadro quando soube que a cidade espanhola de Guernica havia sido bombardeada. Com isso, pôs-se a trabalhar nos esboços, e em seguida pintou a tela em cerca de um mês (maio/junho de 1937), dando a ela o nome da cidade destruída. Essa obra ainda hoje pode ser vista como uma lembrança dos horrores da guerra e um alerta para a paz. O quadro mede 7,5m de largura e 3,5m de altura



Pablo Picasso, "Guernica" – 1937

Pois bem, se a paz é tão boa e tão necessária, como consegui-la? De onde ela vem? Quem pode trazê-la? Quem pode obtê-la? Como garantir que ela seja duradoura?

## IMPORTANTE

- Essa é uma questão difícil, porque mais do que um conhecimento e uma estratégia para chegar à paz e mantê-la, é preciso ter pensamentos, atitudes e comportamentos pacíficos. Ou seja, é preciso ser uma pessoa de paz. Portanto, a chave está na formação da pessoa, desde o colo da mãe, passando pela educação infantil e percorrendo a vida toda.

É por isso que esse tema é tão importante para a educação.

E é por essas razões que a [ONU – Organização das Nações Unidas](#) – destaca o papel da educação para a paz.

Você está convidado(a) a estudar o tema desta Unidade com a mente e o coração, sempre relacionando-o com as situações do dia-a-dia, procurando crescer em compreensão e vivência da paz no seu interior, na sua família, no seu ambiente de trabalho, na sua comunidade e na sua cidade. Como professor(a) de Educação Infantil, você tem um papel privilegiado na construção da cultura da paz. Quanto mais competente for no exercício desse papel, mais você estará fazendo pela paz no mundo.

## DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

O que você gostaria de saber sobre educação para a paz e a solidariedade? Imagine-se convidado(a) a falar numa reunião de professores sobre uma cultura de paz e o papel da educação na promoção da paz. O que você diria? Esse pode ser o resultado do estudo que você está começando, neste texto de OTP da Unidade 1 do Módulo III.

Para você chegar lá, definimos os seguintes objetivos:

Que você possa:

1. Desenvolver e ampliar a habilidade de programar e realizar ações pautadas na cultura da não-violência e dos direitos humanos, seja nas comunidades das quais você participa, como na sua casa, na igreja, no bairro, em alguma ONG, seja na creche, pré-escola ou escola de Ensino Fundamental onde você trabalha com a Educação Infantil.
2. Promover situações de convívio entre as crianças, entre elas e suas famílias e também com seus(suas) colegas professores(as), reconhecendo as várias dimensões das diferenças e desigualdades entre as crianças, entre elas e os adultos, bem como entre os diversos profissionais que trabalham na escola.
3. Atuar de forma participativa e democrática, de tal sorte que, em seu ambiente de vida e trabalho, se promova a cultura de paz e se respeite a diversidade.

Em síntese:

Você vai construir um conhecimento básico sobre esse tema e passará a identificar, no seu trabalho cotidiano, situações propícias para educar para a paz, o que vai ajudá-lo(a) a atuar como mediador(a) de idéias, sentimentos e comportamentos de respeito, solidariedade e abertura ao outro.

## CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Para começar, vamos reler o título deste texto:

Relações interpessoais: educar para a paz e a solidariedade

Encontramos nele três núcleos de idéias:

- relações interpessoais;
- educar para solidariedade;
- educar para a paz.

Por que a frase começa com relações interpessoais? Porque a paz e a solidariedade não são coisas materiais que existem por aí, que se pode comprar, levar para casa, consumir, devolver. São pensamentos, sentimentos e atitudes que moram dentro das pessoas e que são formados no relacionamento social. Em outras palavras, a gente aprende a viver a paz aprendendo a conviver.

### IMPORTANTE

- É nas relações com as outras pessoas que nós nos educamos para ser pessoas de paz e para viver solidariamente.



Por isso, para falar de paz, temos que pensar em educar para a paz. E para fazermos educação para a paz, precisamos considerar a formação das pessoas para os valores humanos.

## ATIVIDADE 1

Procure se lembrar de alguns valores que contribuem para a paz. Em seu caderno, faça uma lista provisória. Mais adiante vamos voltar a eles e você terá oportunidade de ampliar a lista. Dos valores que você listou, sublinhe aqueles que você considera mais importantes.

O que vimos até aqui pode ser sintetizado da seguinte forma:

A paz é um bem muito precioso e necessário à vida humana. Ela tem que estar na mente humana e, ali, gerar idéias, sentimentos e atitudes que aproximem as pessoas e as tornem capazes de construir relações solidárias, de respeito e cooperação. A educação como formadora da pessoa tem um papel importante na construção da paz.

Para expandir e aprofundar o conhecimento que você já tem sobre esse tema, propomos três subtemas, um para cada seção:

1. Direitos humanos e educação.
2. Aprender a conviver.
3. Situações cotidianas: superando conflitos e discriminação de gênero, etnia e econômica.

### Seção 1 – Direitos humanos e educação

**OBJETIVO DESTA SEÇÃO:**  
**- DESENVOLVER A COMPETÊNCIA DE PROGRAMAR E REALIZAR, NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E NA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE, AÇÕES ORIENTADAS POR UMA CULTURA DE PAZ E PAUTADAS NOS DIREITOS HUMANOS.**

Começamos buscando saber mais sobre cultura de paz. A [Assembléia Geral das Nações Unidas](#) aprovou, em outubro de 1999, a Declaração sobre uma cultura de paz e um programa para colocar em ação seus objetivos e diretrizes. A introdução da palavra “cultura” quer expressar que a paz não é estática, nem é alguma coisa pronta, como uma fórmula que se aplica, uma roupa que se veste, um remédio que se prescreve. É algo que tem de ser cultivado, zelado, vivido e que está sempre em





formação. A própria ONU define cultura de paz como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito e na promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana e das sociedades. Cultura de paz e direitos humanos, portanto, estão profundamente relacionados.

## ATIVIDADE 2

Pensando no que acabou de ler, como você definiria, com suas palavras, “cultura de paz”? Você pode registrar essa definição escrevendo no seu caderno ou, ainda, fazendo um cartaz com imagens e dizeres encontrados em jornais ou revistas.

Avançemos, pois, na questão dos Direitos Humanos que nos ajudam a cultivar a paz.

Preste atenção nos seguintes itens, que, segundo a Declaração sobre uma Cultura de Paz, devem orientar e fundamentar os valores, as atitudes, os comportamentos e os estilos de vida:

- a) O respeito à vida, o fim da violência, a promoção e a prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação.
- b) O respeito aos princípios da soberania dos países.
- c) O respeito e a promoção de todos os direitos humanos e das liberdades fundamentais (inclusive de expressão, opinião e informação), o respeito, a promoção e a prática dos direitos da criança; a igualdade de direitos entre homens e mulheres.
- d) O compromisso com a solução pacífica dos conflitos.
- e) O esforço para realizar um desenvolvimento sustentável, que proteja o meio ambiente e com justiça, de maneira que se reduzam as desigualdades entre as nações e no interior de cada uma delas e entre as classes sociais, deixando de existir a pobreza.
- f) A adesão aos princípios da liberdade, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações.

## ATIVIDADE 3

- a) Procure extrair desses seis itens os valores que as Nações Unidas consideram fundamentais para uma cultura de paz. Feito isso, volte à lista que você fez na Atividade 1 e pense se há algum item que possa ser acrescentado. Ao final, você pode ter três listas: sua primeira lista, a lista da ONU e a sua lista atualizada.
- b) Por fim, pense nos valores que você considera possível trabalhar com as crianças na instituição de Educação Infantil e nas várias formas de relacionamento que essa instituição tem com a comunidade. Você pode levar sua lista e compartilhar com os seus(suas) colegas no encontro quinzenal.

Professor(a), a seguir, vamos trazer alguns desses valores para a nossa realidade de educadores infantis. Após cada um, você pode escrever sua idéia de como aquele item poderia ser vivenciado na Educação Infantil. É muito importante que você faça o esforço de identificar situações que dêem sentido prático a cada um dos valores, na perspectiva da paz.

### Respeito à vida

Desrespeito à vida humana, em geral, à vida de cada criança, em particular, à vida dos animais, das plantas, à vida do Planeta Terra. Você não concorda que há um grande desrespeito à vida humana? Quantas crianças morrem ainda bebês porque não tiveram a atenção básica quanto à saúde! Quantos jovens morrem ou se matam em acidentes de carro, com armas, com drogas! Quantos idosos ficam abandonados como se fossem inúteis ou um peso para a família e a sociedade!

No Brasil, a cada ano, mais de 100 mil crianças não completam o seu primeiro ano de vida. Entre 2 mil e 3,5 mil mães morrem das conseqüências da falta de atendimento de qualidade durante a gravidez, o parto e após o parto. Os riscos para a mãe e seu filho aumentam por insuficiência de micronutrientes, como vitamina A e iodo, por alta incidência de desmame precoce antes dos 6 meses de vida, por falta de informações adequadas sobre os cuidados necessários ou por falta de acesso a serviços básicos de saneamento.

Os cuidados têm de começar antes mesmo de a criança nascer. A mulher grávida precisa fazer pelo menos seis consultas pré-natais e de orientações sobre como garantir o melhor começo de vida a seu bebê. (dados colhidos no site da UNICEF – [www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br))

O respeito à vida implica a consciência das condições de vida das crianças e suas famílias e a mobilização em relação a ações que possam modificar quadros como esses.

## ATIVIDADE 4

- a) Seria interessante fazer um levantamento, na comunidade onde sua instituição de educação infantil está localizada, do número de crianças que morreram nos últimos doze meses antes de completarem o quinto ano de vida.
- b) Esse dado pode estar disponível na Secretaria de Saúde do seu município ou junto às famílias. Procure saber as causas que levaram a essas mortes. Elas poderiam ser evitadas? Conversar com algum profissional de saúde sobre essa questão pode ajudar você a tirar suas conclusões.

### Idéia

Você pode convidar avós das crianças ou pessoas mais velhas de sua comunidade para brincarem e contarem histórias de sua infância para as crianças. Esse encontro será a oportunidade de uma rica interação entre eles, que ensina lições de respeito e valorização da vida humana.



A vida do planeta está hoje na ordem do dia, quer dizer, há uma grande preocupação com a sobrevivência da Terra. A civilização humana pode ser destruída pelas bombas atômicas armazenadas, pelas armas químicas, mas também a Terra

pode se tornar um deserto sem vida por causa do processo de degradação de seus recursos naturais (água, ar, florestas etc.). Você já ouviu falar na ECO-92 (A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992) e na Rio+10 (Reunião Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada dez anos depois da ECO-92, em 2002, em Johannesburgo, África do Sul)? Procure se informar sobre os compromissos assumidos nelas de respeitar a **biodiversidade**, promover o uso sustentável dos recursos naturais e distribuir eqüitativamente seus benefícios, visando um mundo de mais justiça e equilíbrio social e econômico. O respeito à vida de nosso planeta passou ser um novo tema da ética. Veja, no final deste texto, as sugestões de leitura sobre esses temas. Essa experiência de respeitar a biodiversidade foi vivida pela cultura Ticuna. Lembra? No texto de FE da Unidade 3 do Módulo II apresentamos como essa nação se envolveu em um projeto de preservação da sua cultura ao preservar o meio ambiente.

### Fim da violência

Felizmente, nosso sistema de ensino não admite mais os castigos e o Estatuto da Criança e do Adolescente não permite agressão e violência contra a criança. Bater em criança já é considerado covardia. Mas há muitas formas de violência encoberta, por exemplo, recusar-se a falar com a criança porque ela fez alguma coisa que desagradou à professora; proibi-la de ir ao parque com as outras por causa de uma atitude desaprovada; impor a própria vontade sobre a dela, em vez de dialogar e negociar; não ouvir os argumentos que apresenta para justificar porque fez isso ou aquilo; magoá-la com uma palavra; acusá-la em público; exigir que delate um coleguinha; impor uma sanção a toda a turma porque uma ou outra criança fez alguma coisa “errada”; ter preferências manifestas por algumas crianças etc.

Como a paz não é simplesmente a ausência de guerra, também não é a mera ausência de violência. Para viver a paz, não basta não bater, não ofender, não magoar, não discriminar. Muito mais do que “não”, ela é “sim”: isto é, um sentimento e uma ação afirmativa de respeito ao outro, de convivência respeitosa. É a escolha do diálogo como meio de resolver desentendimentos, é dar mais atenção àquilo que aproxima e une, do que ao que diferencia e separa.

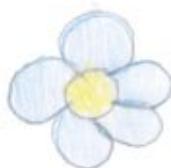
Temos vivido tempos difíceis. Somos expostos a imagens da guerra, tanto no contexto internacional como nos confrontos urbanos que tiram a vida de cidadãos inocentes. O tempo que vivemos, por um lado, com adolescentes (e até crianças) se envolvendo com o crime organizado e, por outro, a situação de miséria e pobreza e a omissão do Estado são um cenário pouco favorável para se trabalhar com e a partir da utopia. (BAZÍLIO e KRAMER, 2003. p.108)

De acordo com os autores citados, se temos consciência de que a guerra não é apenas ausência de paz, não podemos negar que a guerra destrói tanto vidas quanto a possibilidade de diálogo, cria um clima de insegurança, põe em dúvida as certezas e, principalmente, tira a possibilidade do entendimento. Não podemos ver a guerra e o conflito como solução, pois o que trazem consigo é a destruição do outro. Ao contrário, precisamos reafirmar nossas possibilidades de lutar contra as injustiças e opressões. Precisamos nos importar, colocar em dúvida o que a mídia coloca como certeza, buscar o diálogo e viver a esperança, como nos diz a canção:

### Dias melhores

Rogério Faustino – Jota Quest

Vivemos esperando  
Dias melhores  
Dias de paz, dias a mais  
Dias que não deixaremos pra trás  
Vivemos esperando  
O dia em que seremos melhores  
Melhores no amor, melhores na dor  
Melhores em tudo  
Vivemos esperando  
O dia em que seremos para sempre  
Vivemos esperando  
Dias melhores pra sempre



## ATIVIDADES

Como você poderia viver esse valor em sua sala, creche, pré-escola ou escola?  
Anote suas idéias no seu caderno.

### Respeito à liberdade de expressão

“Criar espaços e momentos para as diversas formas de expressão (corporal, linguagem, gesto, artes plásticas...), garantir o direito de todas as crianças serem ouvidas, procurar que todas falem, prestar atenção às mais tímidas, valorizar as produções das crianças mais por serem produções delas do que pela beleza estética que nelas você possa encontrar.” Como no Módulo II, no Módulo IV você terá a oportunidade de estudar sobre diferentes maneiras de valorizar a criança, suas interações e suas diferentes formas de expressão.

No cotidiano com as crianças, você pode identificar momentos em que as crianças têm o direito de falarem e serem ouvidas? Quando a criança se expressa através do desenho, por exemplo, ela tem liberdade ou, de antemão, já está designado tudo o que ela deve fazer, cores, formas, o que e onde pintar etc.?



### Respeito à liberdade de informação

A curiosidade é um impulso para conhecer. Reprimi-la é uma forma de violência contra a inteligência, o desejo de descobrir, a necessidade de saber. Educar para a paz, nesse item, implica atender à curiosidade das crianças, alimentar seu desejo de saber, responder as suas perguntas, oferecer-lhe os meios de acesso ao conhecimento.



## ATIVIDADE 6

Para você refletir: Como posso enriquecer o ambiente e aumentar as oportunidades na creche, pré-escola, ou escola onde trabalho e, particularmente, na minha sala, para que o desejo de saber das crianças voe nas asas da curiosidade?

### Respeito à liberdade de opinião

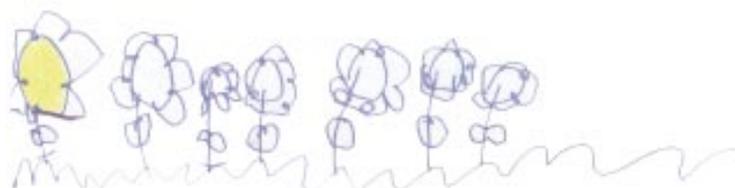
A riqueza de um grupo está na diversidade de visões, de opiniões e de disposição para conhecer e fazer alguma coisa e na capacidade de chegar ao consenso ou a uma decisão democrática. Impedir que os discordantes se manifestem ou participem do planejamento nega o direito à opinião, discrimina, exclui e gera reação oposta. Se nós queremos promover uma cultura de paz, em vez de suprimir as individualidades das crianças, de uniformizar a pluralidade do grupo, nós devemos conciliar opiniões divergentes, encontrar formas de atender a todos ou, no caso de serem inconciliáveis, vamos decidir democraticamente: fazemos votação e a maioria vence.

## ATIVIDADE 7

A roda de conversa, no início das atividades do dia, o planejamento e a avaliação com a turma são bons momentos para a expressão das opiniões e o respeito do grupo pelas crianças. Você recorda uma situação em que você deu um bom encaminhamento para a divergência de opiniões? Você pode registrar essa situação no seu caderno e perguntar a outros(as) professores(as) da sua instituição que encaminhamentos eles(as) têm dado quando há divergência de opinião entre as crianças.

### Solução pacífica dos conflitos

Na maior parte do tempo, o ambiente da Educação Infantil é tranquilo, as crianças brincam, se entendem, se ajudam, participam animada e alegremente das mesmas atividades. Mas há situações de conflito, diante das quais o(a) professor(a) precisa ter habilidade para mediar a solução. Vamos tratar desse tema na Seção 3.





Priscilla Silva Nogueira

### Democracia ou gestão democrática

Na creche, pré-escola ou escola onde funcionam turmas de Educação Infantil e, particularmente, na sala de atividades, a gestão democrática pode ser vivida em vários momentos. A seguir, sugerimos três momentos em que a gestão democrática pode se tornar uma realidade:

- a) Na elaboração da proposta pedagógica: você participa, fala, ouve, sugere, acolhe as opiniões, sugestões e propostas de seus(suas) colegas professores(as) e eles(as) fazem o mesmo com as suas propostas.
- b) Na elaboração, com as crianças, dos projetos de trabalho ou do plano diário das atividades: você procura prestar atenção às diferentes manifestações das necessidades e dos desejos das crianças, desde bebês até as maiores: ouve cada uma, dá oportunidades para todas participarem com idéias e com o seu trabalho, fazendo com que cada uma se sinta importante para o grupo.
- c) Na avaliação, junto às crianças, das tarefas propostas: O que pode ser registrado do progresso que vai sendo obtido pela turma e por cada criança em particular, do que falta fazer, do que não deu certo, das causas ou motivos por que algo não foi realizado.

Vamos considerar cada um dos itens anteriores:

- a) A elaboração da proposta pedagógica é tema da Unidade 4 deste módulo. Lá, você vai estudar esse assunto com detalhes. Aqui vamos sugerir-lhe, apenas, que reflita sobre a oportunidade que a produção dessa proposta oferece de praticar a gestão democrática. Para ajudar nessa reflexão, fazemos algumas perguntas que

você vai adaptar à situação própria de sua instituição de Educação Infantil: se já tem proposta pedagógica, se está elaborando ou se ainda vai começar o trabalho.

É fácil conseguir que todos os(as) professores(as) se envolvam nas discussões, venham a todas as reuniões, expressem suas opiniões, defendam seus pontos de vista? O texto final representa a vontade de todos ou da maioria? Com essas respostas na sua mente, você pode responder à última questão: a proposta pedagógica da creche, pré-escola ou escola na qual você trabalha é a voz de todos os seus professores? Se a resposta foi “sim”, podemos afirmar que o processo de elaboração desse importante documento político-pedagógico foi conduzido democraticamente. Foi um bom exercício de democracia e, portanto, um momento de cultivo da paz.

b) Nós aprendemos a ser democratas desde pequenos. A Educação Infantil é um bom momento para essa aprendizagem. As crianças vêem o(a) professor(a) ser atencioso(a) com as necessidades, os problemas, os desejos delas; percebem o respeito que ele(a) demonstra a cada uma delas; percebem se o(a) professor(a) tem um cuidado particular com aqueles que têm alguma dificuldade especial; que procura trazer para a roda aqueles que se isolam.

Se você pede às crianças para sugerirem os temas de trabalho, se planeja com elas o que o grupo vai fazer, se a distribuição das tarefas é feita com a participação de todos, você está exercendo a democracia com sua turma de crianças.

Se você trabalha com bebês, também é possível agir democraticamente. Temos a tendência de trazer tudo pronto para eles. “Eles não falam, temos que adivinhar tudo.”. Será que é assim mesmo? Eles têm suas próprias formas de se expressarem. Choro, balbucio, gritinhos, expressão de alegria, retraimento, agressividade, movimentos do olhar, da mão ou do corpo inteiro em direção a alguma coisa são formas capazes de transmitir a você as necessidades, os desejos, os problemas, os gostos e as vontades deles. Prestar atenção a tais formas e procurar atender ao que os bebês estão dizendo é agir democraticamente. Por meio dessas expressões, os bebês estão participando e exercendo influência no planejamento e no desenvolvimento das atividades propostas por você.



## ATIVIDADE 8

- a) Procure se lembrar de uma situação bem expressiva em que você modificou seu plano para atender às necessidades que as crianças, até mesmo os bebês, expressaram por meio de gestos, olhares, movimentos ou mesmo falando de seus desejos e expectativas.
- b) Caso a creche, pré-escola ou escola em que você trabalha já possua uma proposta pedagógica, você consegue conciliar as idéias das crianças com os objetivos (e conteúdos) definidos a partir dessa proposta?

### Tolerância

A rigidez torna as pessoas pusilânimes, isto é, pequenas, fechadas, mesquinhas. A magnanimidade, isto é, aquele jeito de ser generoso, de ter espírito aberto, compreensivo, desperta as crianças a terem alma grande. Anote essa frase do poeta português Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena". O intolerante se julga melhor que os outros; o perfeito, a referência para o comportamento dos demais. Mas atenção! O tolerante não é aquele que se omite, que deixa passar tudo o que é errado, que aceita a humilhação, mas o que releva, perdoa, compreende os motivos por que o outro agiu daquele modo. O tolerante "não faz tempestade em copo d'água".

Quem escolhe como profissão educar crianças está diante da oportunidade de ajudá-las a terem uma visão aberta, ampla, compreensiva do mundo e das pessoas, isto é, que as crianças tenham a alma grande.

### Veja o seguinte exemplo

A diretora não quer mais que as crianças cheguem atrasadas. Diz que atrapalha as atividades das salas. E dá a ordem de fechar o portão dez minutos após o horário fixado para a entrada. Na sala da professora Danielle, a ausência do Léo começa a ser notada. Decidem informar-se do motivo. Descobrem que o Léo mora longe e sua mãe tem que trazê-lo a pé. As crianças propõem à professora falarem com a diretora para deixar o Léo entrar atrasado algumas vezes.





## ATIVIDADE 9

- a) Você se lembra de outro caso em que as crianças se mostraram mais tolerantes do que os adultos?
- b) Como você poderia agir de forma que as crianças não comecem a ser intolerantes, mas continuem com a "alma grande" ?

Mas tolerar é pouco: precisamos ser também solidários. Não olhar apenas os nossos próprios interesses, mas estarmos comprometidos também com as necessidades dos outros.

### Solidariedade

Essa palavra está no título de nossa unidade deste texto. Veja o que diz o dicionário Aurélio:

Laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes. Adesão, apoio à causa, empresa, princípio de outrem. Sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades de um grupo social, duma nação ou da própria humanidade. Relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o(s) outro(s).

Para o nosso estudo, vamos ficar com a última frase, que pode ser aplicada assim: as crianças da sua creche, pré-escola ou escola têm interesses comuns e sentem-se, por isso, impulsionados a apoiar, ajudar e estar junto às outras crianças.

### PARA REFLETIR

Que gestos de solidariedade as crianças poderiam fazer diante das seguintes situações:

- um colega faltou porque está doente;
- todos percebem que o Mário está triste;
- todos os grupos já terminaram o trabalho, menos um.

## Cooperação

As atividades em grupo exercitam a cooperação, põem em prática a participação de vários indivíduos num mesmo projeto ou ação, ensinam a integração das capacidades de cada um, levam à descoberta do outro, à valorização de suas qualidades.

Formar grupos para certas atividades; para outras, deixar que as crianças se reúnam livremente; montar, em grupo, um quebra cabeça de muitas peças; trabalhar em projetos são formas que exercitam a cooperação.

## ATIVIDADE 10

- a) Em que momentos ou atividades você tem percebido que as crianças são mais cooperativas?
- b) Você já notou o que um gesto de cooperação produz no sentimento da criança que recebe o apoio, a ajuda? Pode-se dizer que a cooperação contribui para a "cultura da paz" em sua sala? Você pode registrar suas observações no seu caderno.

## Respeito à diversidade cultural

O respeito às culturas diferentes da nossa significa admiração pela sua beleza. Por meio dele, podemos chegar ao conhecimento de sua profundidade enquanto criação histórica de um povo. Ele rejeita a dominação cultural pretendida pela cultura dominante.



## PARA REFLETIR

- Você acha que a globalização e os meios de comunicação, principalmente a TV, estão levando à anulação das culturas dos grupos com menos poder econômico e à formação de uma única cultura global?



## ATIVIDADE 11

- Retorne aos textos de FE das Unidades 3 e 4 do Módulo II e resgate o levantamento da diversidade cultural das famílias das crianças de sua sala: de que regiões do país elas ou seus familiares provém? Que manifestações culturais existem naquelas regiões? Que espaço você já abriu em sua sala de Educação Infantil a essas culturas? As crianças têm oportunidade de conhecer a diversidade cultural da humanidade?
- Como essa atividade pode contribuir para a cultura de paz? Você pode anotar suas idéias no caderno.

### Diálogo

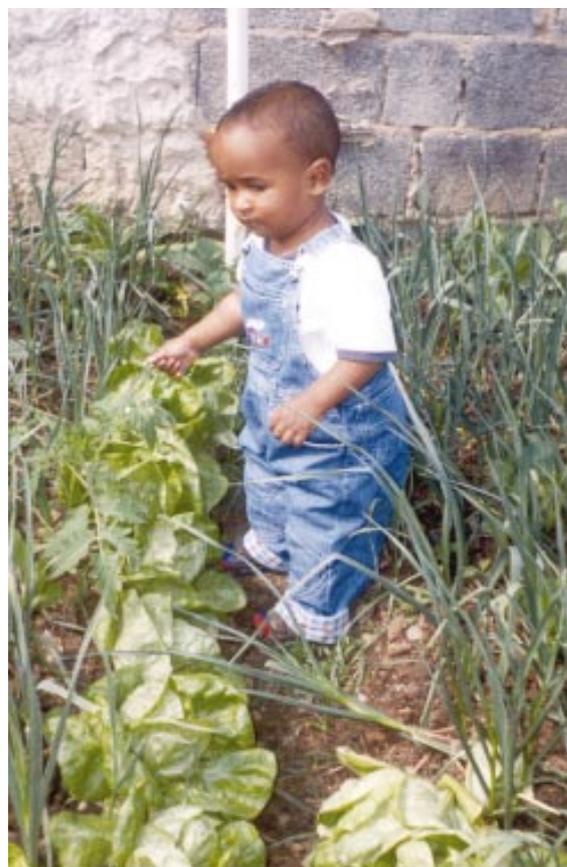
Todos os documentos internacionais que têm por objetivo promover a paz falam em diálogo. Sabe por quê? Porque ele é a abertura do ser humano para o outro: implica ouvir e falar, entender o ponto de vista do outro e expor o seu próprio com a clareza possível. O diálogo procura chegar a um ponto comum. Existe uma expressão bonita, que você poderia incorporar na sua linguagem: “O ser humano é um **ser dialógico**.” Há situações em que as pessoas falam sem ouvir, querem impor seus pontos de vista sem considerar o do outro. Quem aposta no diálogo tem muito mais chance de conseguir a paz, o entendimento, a solução dos problemas.

Tão importante quanto escutar as crianças, como falamos anteriormente, é você ter um estilo de comunicação com as crianças que seja de diálogo, isto é, que provoque interação, respostas, novas afirmações. Procure observar sua comunicação com elas: a maior parte das suas falas na sala dá chance a respostas, a opiniões, a uma conversa? Ou, ao contrário, é uma comunicação vertical, em que predominam a narração, a orientação às atividades, as ordens, proibições, chamadas de atenção, pedidos, elogios?

## Proteção do meio ambiente

As crianças têm uma sensibilidade muito grande com relação às plantas, aos animais, à natureza toda. A infância é um período muito importante para a formação de valores permanentes de amor e proteção à natureza, ao Planeta Terra, que se encontra ameaçado pelo comportamento depredatório do ser humano. Aprender a reciclar, a usar materiais de sucata, dando novo sentido a coisas que já cumpriram sua primeira finalidade ajuda as crianças enxergarem além da **visão utilitarista** e consumista. Passeios a sítios naturais são muito proveitosos tanto para as crianças conhecerem **ecossistemas** quanto para aprofundarem o sentimento de proteção do meio ambiente. E isso é importante para as crianças da cidade assim como para as do campo.

Agora que você refletiu sobre os valores que contribuem para uma cultura de paz, veja o que importantes líderes mundiais propuseram à humanidade para garantir a paz.



## O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência

O início de um novo século e um novo milênio foi ocasião para a humanidade voltar-se para as possibilidades de criar um mundo mais justo, belo e seguro. A paz foi um dos temas mais fortes. Vamos tratar, aqui, do Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência, porque ele procura engajar as pessoas num compromisso pessoal com a paz que transcende o tempo.

Como foi que ele surgiu?

Várias personalidades que ganharam o Prêmio Nobel da Paz reuniram-se em Paris, em março de 1999, para celebrar o 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e resolveram escrever um documento em favor da paz. Deram-lhe o nome de Manifesto 2000. O objetivo desse manifesto é criar um sentimento de responsabilidade a partir de cada pessoa: ela se compromete a colocar em prática os valores, as atitudes e as formas de conduta que inspirem uma cultura de paz e a contribuir para isso em sua família, em seu trabalho, na sua cidade, região e país.

De que forma se pode fazer isso?

Promovendo o diálogo, a justiça, a reconciliação, a solidariedade, a **não-violência ativa**, a tolerância. Os valores são semelhantes aos que referimos acima.

Leia o texto do Manifesto 2000.

O ano 2000 deve ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura da guerra e violência em uma cultura de paz e não-violência. Essa evolução exige a participação de cada um de nós para dar às crianças e às gerações futuras valores que ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

A cultura de paz torna possível o desenvolvimento duradouro, a proteção do ambiente natural e a satisfação pessoal de cada ser humano.

Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã, eu me comprometo, em minha vida cotidiana, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região a:

1. Respeitar a vida: respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
2. Rejeitar a violência: praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
3. Ser generoso: compartilhar meu tempo e os meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;
4. Ouvir e compreender: defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo nem à maledicência e a rejeição ao próximo;
5. Preservar o planeta: promover o consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;
6. Redescobrir a solidariedade: contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

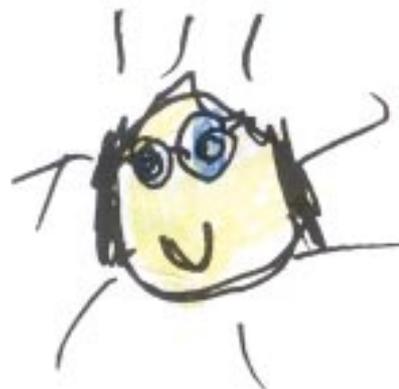
## ATIVIDADE 12

- a) Se você tem meio de acessar a internet na sua instituição ou em outro local, entre no site: [http://www3.unesco.org/manifesto2000/sp/sp\\_6points.htm](http://www3.unesco.org/manifesto2000/sp/sp_6points.htm). O site está em espanhol. Veja quantas pessoas já assinaram o manifesto.
- b) Se você não o assinou, clique no quadrinho “firmar” e preencha os espaços indicados com seus dados pessoais. Em seguida, clique em “envio mi firma”. Imprima o texto (certificado) que aparecer com o seu nome e compromisso e mostre às suas crianças e aos outros profissionais da instituição na qual você trabalha.
- c) Volte à página anterior e verifique novamente o número de assinantes. Houve alteração do número? Sua assinatura pode fazer diferença?
- d) Converse com seu tutor e seus(suas) colegas no encontro quinzenal sobre formas de vocês atuarem em favor da paz em suas comunidades.
- e) Caso seja difícil entrar na internet, você pode fazer uma cópia do Manifesto 2000 e enviar pelo correio para um(a) amigo(a), explicando o seu objetivo.
- f) Você pode também ler para as crianças e, juntos, pensarem em formas de divulgar esse manifesto. Por exemplo, vocês podem expor em um mural com desenhos das crianças, feitos a partir das conversas que tiveram sobre o manifesto ou podem pensar em como viver esse compromisso em sua sala e em sua comunidade. Outras idéias podem surgir. Você pode compartilhar essas idéias com seus(suas) colegas no encontro quinzenal.

### Seção 2 – Aprender a conviver

#### **OBJETIVO DESTA SEÇÃO:**

**- PROMOVER SITUAÇÕES DE CONVÍVIO ENTRE AS CRIANÇAS, COM SEUS FAMILIARES E ENTRE OS DEMAIS PROFISSIONAIS DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, RECONHECENDO AS VÁRIAS DIMENSÕES DAS DIFERENÇAS E DESIGUALDADES NA VIDA ESCOLAR.**



Da mesma forma que precisamos conhecer as coisas que nos cercam, temos que aprender a relacionar-nos com as outras pessoas. Só assim podemos ser e existir, porque nós somos essencialmente seres sociais.



Priscila Silva Nogueira

As rodas da conversa, do planejamento e da avaliação diárias, as atividades em grupo, formadas pelo(a) professor(a) ou por iniciativa das próprias crianças, a brincadeira livre no parque são ocasiões propícias para passar da mera coexistência num mesmo espaço físico para a convivência. Participando dessas atividades, as crianças estão sendo desafiadas a aprender as estratégias do convívio.

Nesse processo, a **mediação** do(a) professor(a), assunto estudado no Módulo II, é fundamental: cabe-lhe aproximar subjetividades diferenciadas pelo mistério que faz cada pessoa ser única e especial, mas que precisa do outro para ser ela mesma.

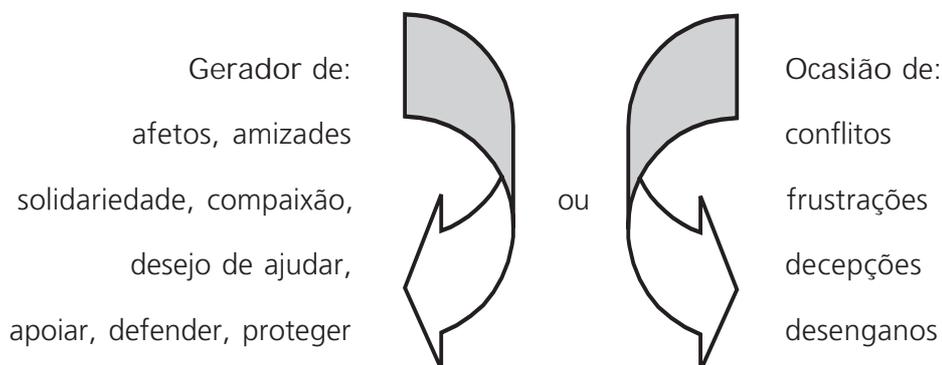
Conviver é uma condição de sobrevivência, mas também de constituição do sujeito e crescimento pessoal. Nós só podemos ser e existir com os outros.

Portanto, vida é convivência (isto é, "vivência com") em dois sentidos: a vida só é possível no coletivo e, para viver a nossa vida individual, convidamos os outros ao diálogo, à partilha, à ajuda mútua.

Conviver implica convidar o outro à partilha, ao diálogo, à ajuda mútua.

Mas isso não é nem muito simples nem fácil. Veja como o convívio pode ser ambivalente, ou seja, pode ter sentidos que são opostos:

### O convívio pode ser



Para que o convívio na Educação Infantil construa os valores da solidariedade, cooperação, compaixão, apoio, defesa, proteção, afeto, amizade, partilha, diálogo etc., é preciso a intencionalidade pedagógica, isto é, que o(a) professor(a) faça com que as oportunidades de interação sejam situações de aprendizagem.

A aprendizagem da convivência implica:

- Descobrir formas de convivência entre pessoas que são diferentes nos gostos, vontades e modos de ser.
- Formar, no íntimo de cada pessoa, a disponibilidade para o outro, o desejo de escutá-lo, de sentir o que ele sente ou tentar compreender os seus sentimentos. Entre grandes amigos, é fácil: eles pensam igual ou muito parecido, têm sentimentos e reações semelhantes. Mesmo que sejam diferentes, compreendem e aceitam a diferença sem briga ou desentendimento. Com estranhos, bem, aí a conversa é outra. É uma aprendizagem difícil, mas necessária para que haja paz.
- Aproximar subjetividades quando temos a nossa já formada e nos encontramos frente a outras pessoas que têm, também elas, sua subjetividade definida.

Com base no que vimos até agora, podemos concluir que:

Para viver a paz dentro de si e irradiar a paz ao seu redor a pessoa precisa aprender a conviver.

Aprender a conviver requer um grande esforço para aceitar as diferenças, compreender o outro, tornar-se disponível, somar os valores de cada um.

## ATIVIDADE 13

Tendo em vista sua convivência familiar com as crianças e demais profissionais da creche, pré-escola ou escola na qual você trabalha, procure responder às seguintes questões:

- a) Uma situação em que o convívio foi, para você, uma oportunidade de sensibilizar-se com outra pessoa (pode ser uma criança) e assumir a sua defesa.
- b) Pode ser ainda o oposto: uma situação em que a convivência provocou tensões, desentendimentos e separação.
- c) Que lições você pode apreender dessas duas situações para um entendimento mais profundo da convivência como relação que aproxima subjetividades? Você pode usar o seu caderno ou mesmo incluir esses registros no seu memorial.
- d) Você também pode levar essa discussão para a sua turma. Uma sugestão é partir de uma história que traga a possibilidade da convivência. No item Sugestões de Leitura, você poderá encontrar algumas indicações para esta atividade.

### Resumindo

Conviver é processo constitutivo do ser humano. A pessoa só se faz na interação com o outro. Mas essa relação, que produz solidariedade e apoio mútuo, também apresenta o risco do conflito ou da frustração, porque aproxima pessoas que são diferentes. A convivência não quer eliminar as diferenças nem as divergências, uniformizando os pensamentos, os sentimentos e modos de ser (que os empobreceria), mas aproximar subjetividades que, na base do respeito à alteridade, amadurece as identidades pessoais. E nesse convívio humano produz-se o diálogo, a ajuda mútua e a partilha. A disponibilidade para ver, escutar e sentir o outro alarga o horizonte da personalidade e abre o caminho para a paz.



### Seção 3 – Situações do cotidiano da educação para a paz: superando conflitos e discriminações

#### **OBJETIVO DESTA SEÇÃO:**

**- ATUAR DE FORMA PARTICIPATIVA E DEMOCRÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM E ENFRENTAMENTO DA DIVERSIDADE E PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ.**

No cotidiano da Educação Infantil, provavelmente, você vivencia situações de conflito, desentendimentos, divergências, agressões entre as crianças. A causa pode ser a disputa pelo mesmo brinquedo, um empurrão, uma tinta derramada sobre o desenho de um colega. Dependendo de sua habilidade no encaminhamento de uma solução, essa situação pode ser uma oportunidade de crescimento no sentido de reconhecimento da **alteridade**, de aprendizagem e da convivência. Uma atitude não refletida pode reforçar o egocentrismo, a tendência de dominar o outro e submetê-lo à própria vontade.

Proibir que as crianças brinquem juntas porque “se agarram”, repreender o que morde, tomar partido sem ouvir as duas partes, sem procurar entender o que causou o comportamento agressivo não é a melhor maneira de resolver os conflitos. Atitudes como essas privam as crianças da oportunidade de aprender a conviver, a se respeitar, a aceitar as diferenças, a superar as divergências.

Releia o objetivo desta seção: atuar de forma participativa e democrática. Espere-se que você intervenha no conflito como mediador da solução, mas como um democrata e não uma pessoa autoritária, participando do problema que as duas (ou mais) crianças estão vivendo. Ou seja, compreendendo o ponto de vista, o sentimento e o desejo de cada uma e convidando-as para um acordo.

## **ATIVIDADE 14**

- a) Provavelmente a sua prática pedagógica está repleta de experiências sobre mediação de conflitos. Procure se lembrar de dois exemplos: um em que o(a) professor(a) atuou autoritariamente e outro, democraticamente. Você acha que o resultado foi diferente nos dois casos?
- b) Como você explicaria, com suas palavras, por que agir democraticamente nas situações de conflito, agressão ou pequenos desentendimentos entre as crianças é melhor do que agir autoritariamente. Você pode escrever essa reflexão no seu caderno.

Tendo refletido sobre a atuação democrática e participativa e feito sua relação com a prática no cotidiano da Educação Infantil, vamos considerar alguns casos específicos que merecem uma análise mais detida.

Os assuntos que veremos a seguir foram apresentados e discutidos na Unidade 7 do Módulo I. Antes de continuar, procure reler o conteúdo desse texto.

Começemos com a discriminação de gênero.

Além dos aspectos abordados na Unidade 7 do Módulo I, ainda podemos ressaltar que, em algumas regiões do mundo, as meninas têm menos oportunidades de estudar que os meninos, por causa do trabalho doméstico ou de preconceitos contra as mulheres. No Brasil, as estatísticas educacionais indicam equilíbrio no acesso à educação por parte dos homens e das mulheres, desde a pré-escola. Não temos, portanto, discriminação de gênero no acesso à escola.

Mas não basta que as meninas estejam na escola. É importante que elas tenham a mesma chance que os meninos de continuar estudando e de receber uma educação que respeite as diferenças e considere a mulher na sua dignidade e nas suas capacidades, que são iguais às dos meninos. E isso deve expressar-se de forma correta nos textos didáticos, na fala dos(as) professores(as), nas atitudes das próprias crianças.



Durante a Educação Infantil é preciso prestar muita atenção nessa questão, porque muitas crianças já trazem de casa conceitos machistas, por exemplo: menina é chorona – menino agüenta firme; menina é fraca – menino é forte; menina é puxa-saco da professora – menino não é; menina não brinca com caminhãozinho – menino não brinca com boneca; menina brinca de cozinha – menino brinca com bola; menino é bom para a matemática e ciências – menina é boa para desenho e literatura etc.

Existe outro preconceito de gênero, do qual se fala menos, mas também é real: os meninos sofrem pressão para serem “os fortes”, não chorarem, não aceitarem desaforo. Muitas vezes, os colegas discriminam aqueles que gostam de brincar com as meninas, que preferem cores suaves (rosa, por exemplo), que são delicados e gentis.

Se esses conceitos (na verdade, pré-conceitos) tiverem espaço de expressão no cotidiano das instituições de Educação Infantil, vão ser reforçados e gerar atitudes preconceituosas pela vida afora. Preste atenção nas histórias que você conta ou lê para as crianças, nas conversas e nos brinquedos delas, nas tarefas que você distribui e nas coisas que as próprias crianças assumem fazer. Em todas essas ocasiões, as mulheres (ou as meninas) e os homens (ou os meninos) são tratados com respeito à sua igualdade humana fundamental e às suas diferenças de gênero, que os caracterizam como homem e mulher?

## IMPORTANTE

- Uma coisa é a diferenciação de gênero – o masculino e o feminino têm suas características próprias, que não devem ser eliminadas ou disfarçadas. Outra coisa é o preconceito, que nega direitos, qualidades e possibilidades de desenvolvimento para as meninas ou os meninos. Às meninas, pela imposição de conceitos machistas; aos meninos, pela imposição de conceitos de que homem não pode expressar sentimentos.



Priscilla Silva Nogueira

O preconceito de gênero deve ser superado durante todo o processo educacional, mas principalmente na Educação Infantil, pois é nesse período que os comportamentos e concepções criam raízes.

O que isso tem a ver com a paz? A paz não se alcança com a negação do direito à igualdade ou da igualdade de direitos entre homens e mulheres.



## ATIVIDADE 15

Volte à Seção 1 – Direitos Humanos e Educação, procure a relação dos valores indicados pela Declaração sobre uma Cultura de Paz e leia novamente a letra (c).

Passemos para a discriminação racial.

Na Unidade 7 do Módulo I, que você pôde retomar no início desta seção, aprendemos que não podemos silenciar que temos preconceito. Encarar desigualdade, discriminação, preconceito é dar um primeiro passo para sua superação. Quando observar expressão de racismo e sexismo na sala, não “varrer para debaixo do tapete”, mas encontrar um meio para discutir com as crianças. Para isso, é necessário informar-se, aprender como proceder.

Uma situação simples do cotidiano pode ajudar a trazer para a sua turma espaços de convivência com a diferença. Quantas bonecas vocês têm para as crianças brincarem? Dessas, quantas são negras e quantas são brancas? Quando fizeram a lista de brinquedos para a escola adquirir, incluíram boneca negra? Encontraram no comércio? Você já observou como as crianças brincam com a(s) boneca(s) negra(s)? Tratam indistintamente as brancas e as negras ou atribuem papéis sociais associados à cor?

### Observação importante

O preconceito sofrido pela família de uma determinada criança pode ter feito com que a criança negra já o tenha interiorizado e se considere feia e menos inteligente. Preste atenção na linguagem e no brinquedo dessa criança. Se descobrir que isso aconteceu, está na hora de fazer alguma coisa para mudar essa auto-imagem e ela voltar a achar-se bonita, inteligente e aceita pelas outras.

Vamos sugerir algumas coisas que talvez já façam parte de seu modo de agir e que são importantes para vencer o preconceito e a discriminação:

- Ao formar os grupos de trabalho, ao escolher crianças para uma apresentação, ao designar uma equipe para uma tarefa especial, procure envolver todas as crianças, sem distinção de cor, sexo, classe social, ou qualquer outra.
- Ao comentar os trabalhos da turma, não comece sempre pela mesma criança. Procure começar por diferentes crianças a cada dia, sem fazer distinção.
- Manifeste – e sinta – a mesma alegria e espontaneidade ao abraçar todas as crianças.

- Por exemplo, se uma criança branca se recusa a participar de um grupo em que há uma criança negra ou uma criança discriminada pelo grupo por qualquer outro motivo, converse com elas e assuma o compromisso pessoal e profissional de fazer com que elas se tornem amigas. Busque estratégias para isso. Você vai conseguir e terá grande alegria de recordar, mais tarde, essa atitude.



Priscilla Silva Nogueira

### E o preconceito econômico?

Há quem pense que a criança pobre é menos inteligente que a criança rica. Essa concepção esteve presente na abordagem da privação cultural, assunto que acabamos de estudar no texto de FE da Unidade 1 deste módulo. Como vimos, a partir dessa visão, a pré-escola seria responsável por suprir a carência cultural da criança das camadas populares.

Esse tipo de concepção pode levar alguém a se admirar quando um menino pobre ou uma menina nascida numa favela manifesta grande inteligência. Se o(a) professor(a) tem esse preconceito, ele(a) passa a exigir menos e esperar menos da criança de uma classe social desfavorecida. Sendo menos solicitada e tendo menos oportunidade de aprendizagem, ela mesma vai alcançar um nível menor de desenvolvimento e aprendizagem. Mas isso é consequência do preconceito e não da capacidade mental. A forma preconceituosa de nos relacionarmos com ela pesa mais que qualquer outro fator para traçar o caminho das possibilidades de seu desenvolvimento.

Todas as crianças, independentemente de fatores econômicos e sociais, nascem com uma capacidade ilimitada de desenvolvimento mental. O importante é que tenham oportunidade para realizá-la. E aí está o papel da educação: ser essa oportunidade mais rica possível. Claro que o ambiente familiar e social – impulsionador ou restritivo, tem a ver com o que a criança acaba sabendo, porque o desenvolvimento e a aprendizagem se dão na relação com o meio físico e social. Mas o que precisa mudar é a mentalidade discriminadora e oferecer à criança das classes excluídas uma educação de qualidade, um ambiente favorável à aprendizagem.

## ATIVIDADE 16

Tem sido dito muitas vezes que para pobres se oferece uma educação pobre. Podemos observar que isso é verdade (as escolas mais bem construídas e equipadas estão situadas nas áreas habitadas por famílias de renda mais alta, essas escolas têm os(as) professores(as) mais qualificados(as) e os materiais didáticos mais completos etc.), que as crianças das classes e das áreas mais empobrecidas sofrem uma discriminação que vai aprofundar sua exclusão.

Olhando para a sua realidade, que relação você faria com o que está dito acima? Comente suas observações e conclusões com seus colegas no grupo de estudo do sábado. Procure ir mais além dos chavões, isto é, das afirmações corriqueiras, sustentando suas opiniões com observações e dados colhidos na sua comunidade.

### PARA RELEMBRAR

- Neste texto, você refletiu sobre a construção da paz. Ela é um dos bens mais preciosos da vida. Mas ela não nos é dada de graça. Temos que fazê-la acontecer primeiro em nosso interior e nas relações interpessoais. A partir daí, em nosso meio social e na sociedade global. Ela tem que ser pensamento, sentimento, atitude, comportamento.
- A paz precisa ser cultivada. Documentos, discursos e aceitação teórica dos valores da diversidade humana e do pluralismo cultural não garantem a paz.
- Os direitos humanos são os fundamentos sobre os quais se constroem as idéias, os sentimentos, as atitudes e comportamentos de paz. Cuidar da Terra, defender a biodiversidade, é uma nova tarefa, que faz parte da ética.
- A Educação Infantil é um período muito propício para viver os valores que instauram a paz nas idéias e nos sentimentos das pessoas. Resolver conflitos de forma democrática, superar preconceitos, descobrir o outro como um “você” frente ao qual o “eu” se constitui sujeito, pessoa, são processos que conduzem ao diálogo, à partilha e à cooperação.
- Paulo Freire nos deixou essa bela lição: “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo”.

## ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

### Orientações para a prática pedagógica

No decorrer desta Unidade foram apresentadas várias situações e circunstâncias em que os princípios e as práticas da educação para a paz e a solidariedade podem ser aplicados. Foram, também, sugeridas algumas atividades que podem ajudá-lo(a) a aperfeiçoar sua atuação como mediador(a) da aprendizagem das crianças sobre a convivência num clima de cooperação e respeito às diferenças.

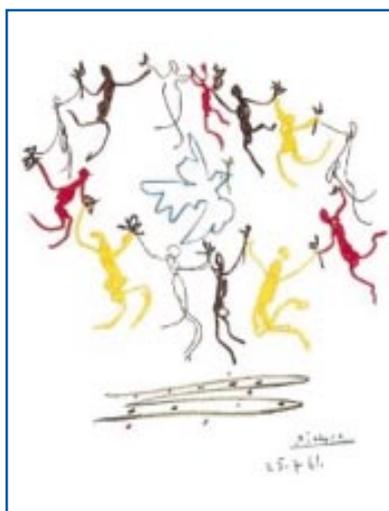
Este texto reforçou e ampliou aquilo que você já sabia e vinha fazendo e, certamente, acrescentou coisas novas. Com este estudo, você pode ir bem mais longe nesse caminho da educação para a paz e a solidariedade, inventando novas formas de cultivar a paz dentro de sua instituição de Educação Infantil. Vá anotando suas invenções e refletindo sobre elas, para que sua prática se torne sabedoria.

O importante é que você tenha a obstinação por uma sociedade mais justa e mais solidária. Uma sociedade que não aceite a injustiça, a opressão, a exclusão, mas se engaje positivamente, que atue afirmativamente na promoção dos direitos humanos, especialmente os direitos da criança.

Assim como Picasso pintou, em "Guernica", um retrato da guerra, ele também retratou a paz em várias obras. Terminamos esta Unidade deixando para você refletir imagens dos quadros "A Ronda" e "Petit Fleurs" e as possibilidades de educar para a paz.



Pablo Picasso  
"Petit Fleurs"



Pablo Picasso  
"A Ronda"

## GLOSSÁRIO

**Alteridade:** percepção do outro enquanto alguém que é diferente de mim, com direitos iguais aos que atribuo a mim. A consciência da alteridade nos permite conviver com a diferença e nos proporciona um olhar interior a partir das diferenças entre as pessoas.

**Ato constitutivo da UNESCO:** é o documento que registra a criação da UNESCO, sua constituição ou estatuto.

**Assembléia Geral das Nações Unidas:** é o principal órgão deliberativo da Organização das Nações Unidas (ver ONU), que reúne todos os países membros. Todo o trabalho da ONU durante o ano é orientado pelas decisões da Assembléia Geral, expressas em Resoluções.

**Biodiversidade:** variedade de vida no planeta Terra. Inclui a variedade genética das populações e espécies, da flora, da fauna e dos microorganismos. A biodiversidade é responsável pelo equilíbrio e pela estabilidade dos ecossistemas.

**Ecossistema:** reunião, num mesmo espaço geográfico, de vários elementos em equilíbrio e auto-reprodução: os fatores físicos/ambientais (solo, água, atmosfera), a flora, a fauna e os microorganismos. Todos estão articulados em um ciclo vital, a chamada cadeia alimentar, responsável pelo equilíbrio e pela reprodução do sistema. Quando se provoca a extinção de uma espécie, por exemplo, pode-se ocasionar o desequilíbrio nesse sistema e causar sua morte. O estudo das interações entre os seres vivos e o meio ambiente e as condições necessárias para a reprodução das diferentes formas de vida é feito pela ecologia.

**Ética:** como conhecimento, a ética é a parte da filosofia que estuda o comportamento humano sob o ponto de vista do bem e do mal. Ela propõe um modo de existir em vista da finalidade da vida humana. Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, diz que o objetivo da ética é uma vida pessoal boa, numa sociedade justa, solidária e pacífica. O cristianismo acrescentou: regida pela verdade, a justiça, o amor e a paz. A ONU, na Declaração dos Direitos Humanos, fundamenta a ética na dignidade da pessoa como valor fundamental. Como ação, a ética é a arte de viver, que implica a livre escolha de princípios e valores que orientem para o bem comum. Comportamento ético é aquele que segue os princípios e valores da justiça, da verdade, da liberdade, da honestidade, da prudência, do respeito, do amor ao próximo etc.

**Mediação (pedagógica):** papel exercido pelo(a) professor(a) de atuar no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, ajudando-a a passar do nível de

conhecimento atual, ou seja, do ponto em que se encontra, para o nível potencial, isto é, ao qual ela pode chegar com essa ajuda. O(a) mediador(a) não resolve o problema para a criança, não antecipa a resposta, mas induz, com perguntas e novas situações, a que a própria criança percorra o caminho da descoberta.

**Não-violência ativa:** comportamento de reação pacífica à violência, isto é, que não reage à violência com atos violentos, mas com atitudes firmes de não aceitação da agressão, que pode ser física, moral ou psicológica. Diz um vigoroso “não” à injustiça, à opressão, à guerra, a qualquer forma de violência. É ativa porque não se confunde com indiferença ou conformismo. Ghandi é o mais elevado exemplo da ação não-violenta para conseguir vencer a opressão, a injustiça, a dominação, a humilhação.

**ONU:** significa Organização das Nações Unidas. Foi criada em outubro de 1945, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, por 51 países decididos a manter a paz mediante a cooperação internacional. Hoje, mais de 190 países são membros da ONU. Seus principais objetivos são: promover a paz, a solidariedade, a cooperação internacional, evitar a guerra, garantir os direitos humanos, assegurar a justiça internacional. Seus órgãos são: Assembléia Geral, Conselho de Segurança, Conselho Econômico e Social, Corte Internacional de Justiça, Conselho de Administração Fiduciária e Secretaria Geral. Tem vários programas, dois fundos (PNUD e UNICEF) e diversos organismos especializados. Esses organismos funcionam como entidades independentes, vinculados à ONU, e se encarregam de áreas específicas como educação, ciência e cultura (UNESCO), alimentação e agricultura (FAO), saúde (OMS), trabalho (OIT), comércio (OMC).

**Ser dialógico:** o ser humano forma-se na relação com o outro, por meio do diálogo, da capacidade de ver, ouvir, acolher o outro e de estar disponível para o outro. Por isso se diz que o ser humano é um ser de diálogo.

**Soberania:** nesse texto, a palavra é usada no sentido político, da capacidade que um país independente tem de não depender de outro para governar-se, de decidir seu projeto nacional.

**UNESCO:** organismo especializado da ONU, criado em 1946, com o objetivo de contribuir para a paz e a segurança do mundo por meio da educação, da ciência, da cultura e das comunicações. Orienta os países a uma gestão mais eficaz do seu desenvolvimento, utilizando seus recursos naturais e os valores culturais.

**Visão utilitarista:** o jeito de olhar para as coisas pelo seu lado de serventia, de valor para satisfação imediata de algum desejo. A que dá valor às coisas só pela sua utilidade, sacrificando seu significado mais profundo em troca do prazer egoísta que ela pode oferecer.

## **SUGESTÃO PARA LEITURAS**

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar – Ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

JARES, Xesús R. Educação para a Paz – sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002. 2.edição ver. e ampliada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

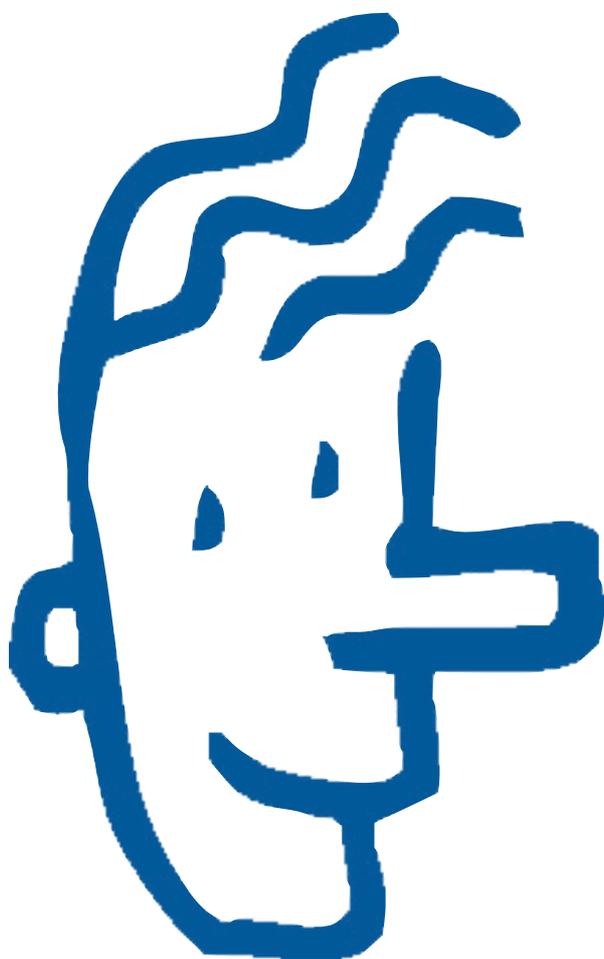
BAZÍLIO, Luiz Cavalieri, KRAMER, Sônia. Infância, educação e direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2003.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar – Ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



## C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Na Unidade 1 do Módulo III, o cuidado foi o tema integrador entre os textos de FE e OTP. O cuidado foi analisado a partir de uma visão ética, de relação com o outro, mostrando a importância dos laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas portadoras de valor, de sentimentos, da possibilidade de fazer do mundo um lugar melhor para vivermos.

No texto de FE destacamos a importância do cuidado como parte integrante do processo educativo que diz respeito às crianças nas instituições de Educação Infantil; o cuidar implicando o movimento em direção às necessidades dos outros, o que nos torna mais humanos, que nos sensibiliza e emociona. No texto de OTP ampliamos esta visão ao pensar a importância das relações interpessoais para a construção de um mundo mais solidário e de paz.

No texto de OTP foram destacados valores que devem ser cultivados nas relações interpessoais, visando uma cultura de paz, que na realidade são expressões do cuidado que devemos ter em relação a nós mesmos e em relação aos outros: Respeito à vida; Fim da violência; Respeito à liberdade de expressão, informação e opinião; Solução pacífica para os conflitos; Democracia ou gestão democrática; Tolerância; Solidariedade; Cooperação; Respeito à diversidade cultural; Diálogo; Proteção ao meio ambiente.

Ao final do estudo desta Unidade 1, desejamos que você possa refletir na possibilidade de, junto com as crianças, contribuir para a construção dessa cultura de paz e solidariedade.

## Orientações para o encontro quinzenal

Antes do encontro quinzenal:

- Leia os textos de FE e OTP da Unidade 1, anotando suas dúvidas, questionamentos e comentários a serem compartilhados com o grupo no encontro quinzenal.
- Após essa leitura, volte à Seção 1 do texto de OTP, onde são apresentados os valores destacados acima. Reflita sobre como esses valores têm, ou não, sido vividos em sua turma, creche, pré-escola ou escola.

- Escolha um desses valores: pode ser aquele que tem feito a diferença no relacionamento da sua instituição ou aquele que a sua turma e/ou instituição precisa desenvolver. O que você, enquanto professor(a) da Educação Infantil, tem feito? Ou o que você pode fazer, junto com as crianças, para a construção de um mundo mais solidário e de paz?
- Pense em uma maneira criativa de levar o princípio que você escolheu para o encontro quinzenal: pode ser um cartaz feito por você, com recortes de revistas e jornais, pode ser um cartaz construído junto com as crianças, uma música ou poesia, obras de arte, enfim, algo que ajude o grupo a refletir como ele tem vivido esse valor.

Durante o encontro:

- Num primeiro momento, cada professor(a) pode apresentar a sua produção referente ao valor escolhido, destacando o que tem sido feito ou os desafios que se colocam para uma cultura de paz e solidariedade.
- A partir da apresentação, o grupo pode discutir como esses valores têm sido vividos nas creches, pré-escolas e escolas onde trabalham.

Após o encontro:

- A partir das sugestões apresentadas no encontro, você pode levar o tema para a sua instituição, promovendo um debate sobre a importância de estabelecermos uma relação interpessoal que esteja baseada na solidariedade e na cultura da paz.



Esta obra foi composta na Editora Perffil e impressa na Esdeva, no sistema off-set, em papel off-set 90g, com capa em papel cartão supremo 250g, plastificado brilhante, para o MEC, em fevereiro de 2006. Tiragem: 10.000 exemplares.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)